



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Para que tentes sobreviver ao passado que é presente, um
estudo psicodinâmico sobre o testemunho com função
reparadora do eu e do “outro” na obra de Primo Levi

RAFAELA ALEXANDRA ALVES CATRAIA

Orientador de Dissertação

PROF. DOUTOR ANTÓNIO GONZALEZ

Coordenador do Seminário de dissertação

PROF. DOUTOR ANTÓNIO GONZALEZ

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2018

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de
Prof. Doutor António Gonzalez, apresentada no ISPA – Instituto Universitário
para obtenção de grau de Mestre na especialidade
de Psicologia Clínica

Agradecimentos

Não cabe em mim a gratidão e satisfação que tenho por este trabalho. Foram seis anos de muita luta, muitas lágrimas, muitos sorrisos, muitas aprendizagens, muitas perdas mas acima de tudo muitos ganhos, muitos encontros e desencontros, comigo própria, com os outros que por mim passaram. É com enorme orgulho que encerro este capítulo e me entrego ao próximo.

Agradeço aos meus pais, por todo o esforço e dedicação que sempre tiveram para que este momento fosse possível, agradeço a educação e os valores que me permitiram chegar até aqui, agradeço que sejam os melhores pais do mundo e qualquer palavra será pouca para descrever o quão grata me sinto por tê-los sempre do meu lado, obrigada por me amarem e acreditarem sempre em mim,

À minha irmã por existir na minha vida, por ser minha amiga e confidente, porque a maior gratidão é tê-la como irmã. Muito obrigada a ela por me ter impulsionado esta caminhada, por toda a força que sempre me deu e por nunca me deixar desistir, não tenho dúvidas de que dificilmente exista por aí uma irmã como a minha,

À minha prima pela amizade, carinho e apoio que sempre me deu e sempre me dá, por estar sempre do meu lado na alegria e na tristeza, por partilhar comigo tantas brincadeiras e parvoíces, por ser ela e por acreditar sempre em mim,

À minha terapeuta por acolher as minhas palavras, por ter proporcionado um local de transformação que permitiu pensar-me, descobrir-me e reinventar-me muitas vezes desbloqueando o que me impedia de continuar este trabalho,

À professora Maria Antónia Carreiras por me ter dado as bases necessárias que impulsionaram este trabalho, pela paciência e dedicação, por ser boa conselheira e também por tudo aquilo que com ela aprendi,

Ao professor António Gonzalez por me ter aceite no seu seminário, pela sua dedicação enquanto professor, por ter acreditado que este trabalho era possível e me ter ajudado na finalização do mesmo,

Agradeço a mim, agradeço à minha fé!

Resumo

No presente trabalho, partimos do princípio de que quem narra acontecimentos tão violentos e traumáticos como o Holocausto, busca um sentido para o vivido, busca uma necessidade de dizer “eu existo”. Através da análise das obras de Primo Levi, (*Se isto é um homem* e *Os que sucumbem e os que se salvam*) procurarei compreender o sentido da escrita do autor, quem ou o que procurava ele enquanto escrevia e qual a função que a escrita teve para si. Para que estas questões possam ser compreendidas, será feita uma breve contextualização histórica do holocausto e integraremos a escrita do autor na literatura de testemunho, uma vez que teremos como hipóteses que Primo Levi, através das suas experiências traumáticas, escreve o seu testemunho na procura de uma reparação. Reparação de si próprio, do seu *eu* profundamente desamparado e ferido pela violência, mas também uma reparação do objeto interno. Em segundo lugar, será proposto que a sua escrita lhe oferece uma função continente-conteúdo capaz de o acolher, e que aparece portanto como mediadora da sua relação com o outro, neste sentido inspirar-nos-emos em Bion e na sua ideia de *função continente-conteúdo* e *função alfa* para podermos discutir as nossas hipóteses.

Palavras-Chave: narrativa, reparação, função continente

In the present study, we begin from the assumption that those who narrate such violent and traumatic events as the Holocaust are seeking a meaning of the lived. Through the analysis of Primo Levi's works (“If this is a man” and “Those who succumb and those who are saved”) we aim to understand the meaning of the author's writing, who he was looking for when he was writing, as well as the role the writing had for him. In order to understand those issues, there will be a brief historical context of the holocaust and the author's writing will be integrated into the testimony literature. Since we hypothesize that Primo Levi's through his traumatic experiences writes his testimony in the search for a reparation. Reparation of himself, of his deeply forsaken self and wounded by violence, but also a reparation of the internal object. Secondly, it is proposed that his writing offers him a continent-content function capable of accepting him, and which therefore appears as the mediator of his relation to the other, in this sense we shall be inspired by Bion and his idea of a continent and function so we can discuss our hypotheses.

Key-words: narrative, reparation, continent function

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo/Abstract	v
Introdução	7
Capítulo I – Contextualização Histórica.....	10
Capítulo II – O tempo presente que só consegue ser passado... ..	12
Do trauma ao testemunho	12
A literatura que dá voz à testemunha	17
Do testemunho à (im)possibilidade de elaboração	20
Capítulo III – Em busca de um sentido... ..	23
A função continente-conteúdo	23
A perda do “bom objecto interno”	27
Capítulo IV – Sobre o autor e as suas obras... ..	30
Sobre Primo Levi	30
<i>Se isto é um homem</i>	32
<i>Os que sucumbem e os que se salvam</i>	42
Capítulo V – Uma busca através da escrita... ..	49
A função da escrita em Primo Levi.....	49
Conclusão	58
Referências	61

Introdução

“Aquele que tem uma razão para viver pode suportar quase tudo”

(Nietzsche cit in Frankl, 2016, p.107)

“A busca de sentido por parte do Homem é a motivação essencial para a sua vida”

(Frankl, 2016, p.102)

A escolha do tema que iria desenvolver na minha tese foi um pouco difícil. Entre o cá e o lá de várias leituras feitas eis que encontro Primo Levi e a sua obra *Se isto é um homem*. Decido ler, e percebo que logo me envolvo na escrita do autor mas também nas suas experiências. Sabia desde o início que queria trabalhar as suas narrativas mas não sabia como nem por onde começar, sentia que não tinha um rumo. Todo o trabalho que aqui se vê desenvolvido, posso dizer, nasceu das minhas “conversas” com Primo Levi que passou a fazer parte do meu dia a dia, sempre acompanhada da sua obra quer na mochila, quer debaixo do braço, em viagens, a caminho da faculdade, em casa... Pois enquanto lia, questionava e de todas as questões que coloquei nasceu este trabalho.

Ao ler as obras de Primo Levi tomei a liberdade de o fazer com o olhar de um terapeuta, assumindo de início que enquanto lia me encontrava na cena de um consultório, em que o autor me contava as suas experiências. Quero com isto dizer que me dei a liberdade de ser o colo e o continente daquilo que lia, daquilo que o autor me fazia chegar. Ocorre-me enquanto leio, mas mais que isso enquanto o vivo e vivo a sua história, a sua dor, que a sua forma de narrar procura em mim um colo, a minha compreensão das suas experiências. Mais, sinto na sua necessidade de narrar, que Primo Levi tem também a necessidade de “manter viva a sua morte”, isto é, busca uma continuidade para a sua condição actual de sobrevivente, para a identificação com este novo eu, que vem de uma experiência extrema, a quem foi roubada a identidade e, portanto, precisa de se apropriar de algo, precisa de tornar a sua experiência mais suportável, mas acima de tudo precisa de se sentir novamente vivo.

É então que me começo a questionar: qual a função da escrita para Primo Levi? De que forma esta escrita (im)possibilita uma elaboração das experiências traumáticas? O que procura o autor enquanto escreve? O que procura ele no outro para quem

escreve? De que forma a busca de uma função continente está inscrita na sua obra numa tentativa de reparação do seu *eu* profundamente ferido? Numa tentativa de reparação da imagem do outro?

Ao longo dos anos a história da humanidade tem sido marcada por inúmeros eventos dos quais se destacam as catástrofes e horrores levados a cabo pelo homem contra o próprio homem. Os acontecimentos do século XX, dos quais fazem parte acontecimentos violentos e experiências extremas como o Holocausto, deixaram nos sobreviventes consequências devastadoras que dificilmente se apagarão das suas memórias mas também da memória da sociedade.

É então desde o final da Segunda Grande Guerra, que o testemunho apresenta um enorme peso e uma enorme necessidade de ser percebido. Com isto vários autores mostram interesse em tentar perceber o que narraram na realidade as testemunhas, mas principalmente para quem e porque é que sentem necessidade de contar as suas vivências.

Assim, numa primeira parte torna-se importante contextualizar os acontecimentos que fizeram nascer estas obras, as obras dos sobreviventes. Iniciaremos com uma breve contextualização histórica do Holocausto e numa segunda parte evocaremos a forma como este acontecimento se constitui como um evento traumático a nível individual e social. De seguida integraremos num só a literatura e o testemunho e passaremos por uma breve reflexão acerca da (im)possibilidade de elaboração das experiências traumáticas através da escrita.

Após esta reflexão surgirão então as duas hipóteses que vão impulsionar este trabalho: a primeira é que Primo Levi através das suas experiências traumáticas escreve o seu testemunho na procura de uma reparação. Reparação esta de si próprio, do seu *eu* profundamente desamparado e ferido pela violência, bem como uma reparação do objeto interno. Em segundo lugar proponho que a sua escrita lhe oferece uma função continente-conteúdo capaz de o acolher, e que aparece portanto como mediadora da sua relação com o outro – aquele que vai escutar a sua história e que por sua vez lhe vai proporcionar um “colo acolhedor”.

E porque a base de todo o nosso trabalho utiliza como pano de fundo as obras de Primo Levi *Se isto é um homem?* e *Os que sucumbem e os que se salvam*, segue-se uma breve biografia do autor e o resumo das suas obras mais importantes. É com base nestas narrativas que tentaremos dar resposta às nossas hipóteses e para tal apoiar-nos-emos

numa breve definição de *reparação* primeiramente em Klein e depois em Chasseguet-Smirgel e maioritariamente em Bion e no conceito de *função continente-conteúdo*.

Finalizaremos depois esta tese com uma breve conclusão que visa reflectir sobre todo o trabalho.

Capítulo I - Contextualização Histórica

“O primeiro golpe recebido quebra a confiança no mundo”

Jean Améry

Sabemos que a nossa história passou por grandes eventos dos quais a Segunda Guerra Mundial se apresenta como o conflito mais marcante e traumático na história da humanidade (Gilbert, 2014). Não querendo aqui descrever exaustivamente o período do Holocausto fará todo o sentido para o desenvolver do presente trabalho situarmo-nos historicamente, de forma a perceber as atrocidades, as causas e consequências sociais e individuais do período do Holocausto.

O período a que nos referimos inicia-se a 30 de janeiro de 1933 quando Adolf Hitler ascende ao poder na Alemanha. Após a sua nomeação, são criadas leis que visam a subtração dos direitos dos judeus alemães e posteriormente dos judeus austríacos e checoslovacos. A humilhação era o objetivo inicial e consistia em retirar-lhes qualquer direito civil. Foi-lhes retirado o acesso à educação, foi proibido o acesso às suas empresas e aos pequenos negócios, médicos foram proibidos de exercer a sua profissão, foi-lhes retirada a cidadania, foram ainda proibidos de andar na via pública, deveriam possuir um cartão que os identificasse como judeus e foi-lhes negado o acesso a vários alimentos, recebendo apenas as rações que lhes eram distribuídas, entre outras proibições. No entanto estas proibições acabaram por subtrair a dignidade aos judeus (Gilbert, 2014), não só enquanto povo, mas também, a cada um individualmente, como pessoa.

Em novembro de 1939 as tropas alemães invadem a Polónia, evento que esteve na origem da Segunda Grande Guerra Mundial. Em maio de 1940 é a vez da Bélgica, Luxemburgo, França, Holanda, Dinamarca e Noruega, em junho de 1941 tem lugar a invasão da Jugoslávia e da Grécia, tendo a última invasão por parte da Alemanha ocorrido em março de 1944 à Hungria. Com a ocupação do exército alemão, todos os judeus de qualquer um destes países, passaram a receber as mesmas restrições e os mesmos deveres, nesta altura é também ordenado o recolher obrigatório e todos os

judeus deveriam andar identificados com uma braçadeira com a Estrela de David para que pudessem ser identificados facilmente. Foram criados vários guetos e vários campos (como campos de trabalho, campos de concentração, campos de extermínio, etc.) para onde foram enviados todos os judeus, mas também outras minorias étnicas e qualquer pessoa que pudesse ameaçar o Terceiro Reich, como os criminosos, os antigos políticos, os homossexuais e os ciganos entre outros, onde passaram a viver de formas miseráveis e em condições extremas.

Inicialmente todos os grupos acima referidos, deveriam apenas ser excluídos da vida pública, mas em 1942, todas as minorias étnicas dos vários países com influência Alemã, começaram a ser transferidos para campos de trabalho e campos de extermínio onde o objetivo final era a escravatura e exterminação sistemática de todos os judeus, homossexuais, ciganos, criminosos, deficientes mentais e antigos políticos entre outros que estavam na posse do exercito alemão ficando conhecido na história como a “Solução Final”.

Só em finais de janeiro de 1945 é assinalado o final da Segunda Guerra Mundial e dá-se por fim a libertação dos sobreviventes dos campos. Quanto à derrocada do Terceiro Reich, Primo Levi escreve:

“A sua derrocada não foi apenas uma salvação para o género humano, mas também uma demonstração do preço a pagar quando se manipula a verdade” (Levi, 2008, p. 28).

Capítulo II – O tempo presente que só consegue ser passado...

Do trauma ao testemunho

“Quem foi torturado fica torturado. (...) Quem sofreu os tormentos nunca mais poderá ambientar-se no mundo, a abominação do aniquilamento nunca se extingue. A confiança na humanidade, já inquinada pela primeira bofetada na face e depois demolida pela tortura, jamais se recupera.” (Jean Améry, cit in Levi, 2008)

O trauma e a existência interrompida daqueles que sobreviveram, certamente não terminou com o fim da Guerra. O trauma fica por tempo indeterminado e é neste sentido que questiono e tentarei responder às questões: será o testemunho uma forma de elaboração da dor psíquica, mais precisamente do trauma? Mas por mais que se busque um sentido para o vivido, será esta uma elaboração possível?

Para o desenvolvimento do presente trabalho torna-se pertinente abordar o trauma, os seus significados uma vez que, embora seja um tema pensado ainda antes dos acontecimentos do século XX por autores como Freud, o trauma é também um tema que ganha uma nova abordagem a partir do final da Segunda Grande Guerra, exigindo ser pensado e relacionado ao aparecimento da literatura do testemunho.

Segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa*, *trauma* vem do grego *traûma* e no presente trabalho é importante que se distinga os dois significados que lhe são atribuídos nas diferentes áreas, por um lado o campo da medicina define-o como um “ferimento, lesão ou contusão provocada por uma ação violenta de um agente externo”. Já a psicologia define o trauma como um “acontecimento emocionalmente doloroso que torna o paciente particularmente sensível em situações semelhantes” (Porto Editora, 2012).

Também no *Vocabulário de Psicanálise* podemos encontrar uma definição para o termo e o mesmo aponta o *trauma* como um “*Acontecimento da vida do sujeito que se define pela sua intensidade, pela incapacidade em que se encontra o sujeito de reagir a ele de forma adequada, pelo transtorno e pelos efeitos patogénicos duradouros que provoca na organização psíquica*” (Laplanche & Pontalis, 1967/1970).

Assim, são as duas últimas as definições centrais e ponto de partida para o desenvolvimento do presente trabalho.

De acordo com Ringel (2012), foi Charcot quem no campo da psicologia deu início aos estudos sobre a histeria, afirmando que seria decorrente de um trauma psíquico. No entanto, posteriormente foi Freud quem iniciou e aprofundou as noções de trauma psicológico relacionando-o a uma problemática da memória aquando dos seus primeiros estudos acerca da histeria. Muito sucintamente e sem querer aqui aprofundar os estudos desenvolvidos por Freud acerca do trauma, é possível verificar que numa primeira fase o autor debruça-se sobre “*traços de memória de traumas*” referindo-se a “*lembranças do trauma*” que apareciam em ataques histéricos (Moreno, & Júnior, 2012). Numa segunda fase, logo após a primeira guerra e através da observação das neuroses traumáticas recorrentes nos soldados, Freud (1990, p.18) relaciona o trauma a uma rutura psíquica que advém de grandes quantidades de excitação procedentes do exterior e cuja intensidade é tão poderosa que é capaz de atravessar o “escudo protetor”. Uma vez que tais estímulos ocorrem em tamanha intensidade surge uma incapacidade do sujeito para vincular psiquicamente estes acontecimentos, impossibilitando assim a representação mental dos mesmos (Freud, 1990, p.18). Embora não seja esta a teoria do trauma sobre a qual nos iremos debruçar para o desenvolvimento do presente trabalho, creio que a ideia do autor acerca dos acontecimentos externos, que influenciam a mente do sujeito, e que se traduzem num trauma psíquico, nos pode servir como ponto de partida.

Uma vez que as catástrofes do século passado trazem consequências e traumatismos devastadores para quem as vivenciou, Waintrater (2000) afirma que a teoria até então utilizada para descrever o trauma se torna insuficiente, deixando de ser possível determinar o efeito das grandes catástrofes históricas, na realidade psíquica do sujeito, atribuindo o foco principal da teoria do trauma aos acontecimentos catastróficos da realidade externa, que em determinados contextos se podem inscrever como “irreversíveis e esmagadores”.

De acordo com Farias (2012) e Favero (2009), é após os acontecimentos catastróficos do século XX, nomeadamente o Holocausto, que o conceito de trauma é alvo de uma reformulação na qual a experiência traumática deixa de estar ligada directamente à intensidade dos acontecimentos ocorridos e passa agora a estar directamente vinculada à potencialidade da lembrança que mantém a repetição da experiência, acabando o sujeito por ser repetidamente transportado para a situação do

trauma como se fosse impossível superá-lo. O conceito de experiência traumática passa então a ser utilizado para pensar os efeitos das situações catastróficas que dizimaram milhares de vidas, ampliando o conceito de um plano individual para um plano que possibilite reflectir os fenómenos sociais.

Para a larga maioria dos autores que se debruçam sobre os acontecimentos aqui enunciados, o Holocausto constitui-se como uma experiência traumática devido às violências e horrores indiscritíveis a que muitos indivíduos permaneceram expostos, mas também devido às “cicatrices psicológicas” que os sobreviventes arrastam consigo até hoje (Lurie-Beck, 2007). O longo período de tempo a que os indivíduos estiveram expostos a esta situação extrema de violência mas também à pressão da incerteza da sua sobrevivência, traduz-se naquilo que Solnit e Kris (1967, *cit in* Lurie-Beck, 2007) definiram como um “trauma de tensão” que por sua vez se apresenta como mais prejudicial à psique precisamente pelo seu carácter imprevisível. A exposição das vítimas a esta violência física e psíquica deixa marcas inconscientes na vida mental das mesmas, principalmente pelo facto de serem vividas num enorme desamparo e isolamento, mas também pelo seu carácter incerto da vida ou da morte que está entregue à decisão de um Outro o que desafia qualquer perceção daquilo que para a vítima seria um mundo justo, seguro e previsível (Caniato, 2008; Consentino & Massimi, 2012, *cit in* Lacerda, 2016) levando a que estas acabem por perder uma das preciosidades do ser humano, ou seja, acabam por perder completamente a confiança na humanidade que – “*uma vez abalada, dificilmente, é readquirida*” (Farias, 2012).

Torna-se então pertinente definir, ainda que de forma breve, o significado de situação extrema já que tantas vezes foi e continuará a ser evocada. Bettelheim (1989, p. 22) define situação extrema “*quando somos repentinamente expostos a um conjunto de condições onde os nossos velhos mecanismos adaptativos e valores deixam de se aplicar e quando alguns deles podem mesmo ameaçar a vida que anteriormente defendiam*”.

É de referir que Bettelheim (1944, p. 199; 202) falou acerca dos horrores extremos às quais ele e outros prisioneiros foram deliberadamente sujeitos – vestidos de forma inadequada foram expostos ao frio extremo, à chuva e ao calor, contra os quais não se poderiam defender, foram obrigados a trabalho escravo durante dezassete horas diárias todos os dias da semana – foram expostos a violência extrema contra a qual nada podiam fazer, em que “*o castigo*

corporal, consistia em chicotadas, pontapés, bofetadas, tiroteios e ferimentos com baionetas, alternado com torturas cujo principal objetivo era a exaustão extrema"¹.

O autor chama ainda a atenção para o facto de que *"cada momento da vida destes prisioneiros era estritamente regulado e supervisionado, os prisioneiros não sabiam exatamente o porquê de estarem presos, e nunca souberam por quanto tempo iriam ficar ali. Todos estes aspetos justificam o porquê de nos referirmos aos prisioneiros como pessoas que se encontravam numa situação extrema"*² (Bettelheim, 1944, p. 199).

No entanto e apesar de estas experiências deixarem marcas indeléveis na vida dos sobreviventes, a recordação de tamanhas atrocidades aparece como potencialmente violenta pela intensidade dolorosa que se reatualiza tornando a experiência traumática impossível de ser representada, pois a dificuldade da capacidade humana está em conseguir sequer imaginá-la (Farias 2012; Maldonado & Cardoso, 2009).

No final da Guerra os sobreviventes depararam-se com a indiferença por parte da sociedade relativamente às situações que experienciaram, e o apoio social foi sentido como insuficiente.

A indiferença da sociedade perante os sobreviventes que nada mais traziam consigo do que uma *"verdadeira emergência de falar"* e de contar ao mundo a situação extrema a que estiveram expostos, traz como consequência devastadora os sentimentos de abandono por parte da sociedade uma vez que as testemunhas salientam um sentimento de solidão que se vem juntar ao sofrimento físico e que torna a sobrevivência num fardo totalmente insuportável, leva-nos a uma breve abordagem acerca da rutura no pacto social. No entanto torna-se importante salientar que esta rutura começa muito antes, começa dentro do campo onde surgem as questões do *"porquê nós?"* e a incompreensão do porquê de aquelas pessoas lhes quererem mal. (Waintrater, 2011).

Tal como escreveu Jean Améry (*cit in* Waintrater, 2011, p.12) *"O primeiro golpe recebido quebra a confiança no mundo (...) quebra a certeza de que o outro me iria poupar*

¹ Tradução proposta pela autora a partir do original *"corporal punishment, consisting of whipping, kicking, slapping, intermingled with the bayonet, alternated with tortures the obvious goal of which was extreme exhaustion"* (Bettelheim, 1944, p. 202).

² Tradução proposta pela autora a partir do original *"Every single moment of their lives was strictly regulated and supervised. The prisoners did not know exactly why they were imprisoned, and never knew for how long. This may explain why we shall speak of the prisoners as persons finding themselves in an "extreme" situation"* (Bettelheim, 1944, p. 199).

*em função dos contratos sociais escritos e não escritos (...) a espera por uma ajuda exterior é um elemento constituinte do psiquismo bem como representa uma luta pela vida”.*³

É possível verificar em vários documentos que a libertação dos sobreviventes trouxe para os mesmos uma angústia enorme pela dificuldade dos Outros – referindo-nos aqueles que não vivenciaram os campos – acolherem e suportarem as histórias contadas pelos sobreviventes (Farias, 2012). Lurie-Beck (2007) reforça esta ideia na sua tese ao explicitar que após a libertação, muitos dos sobreviventes não tinham para onde voltar, encontravam-se sem casa e sem família, o que provocara um ‘vácuo’ que apenas serviu para agudizar o trauma e a dor, no entanto uma das maiores dificuldades encontradas foi o ‘desprezo’ daqueles que não ouviram, daqueles que não queriam sequer pensar nas experiências dos sobreviventes e que acabaram por isolá-los sem tentar sequer estender-lhes a mão para os apoiar. Desta forma Seligmann-Silva (2000, *cit in* Maldonado & Cardoso, 2009), afirma a ideia de que as experiências traumáticas carregadas pelos sobreviventes do Holocausto nada mais deixaram do que uma ferida na sua memória. O trauma permanece então como um *“factum brutum (...) que exige condições especiais para a sua recordação e posterior integração na experiência de vida actual do sobrevivente”* (Bohleber, 2007).

É nesta busca de integração na sua experiência de vida actual que muitos sobreviventes acabam por se redimir ao silêncio ou à falsificação de memórias, mas por outro lado, existem aqueles que tal como Primo Levi, escolhem o caminho de dar o seu testemunho na primeira pessoa. Este terceiro caminho, se assim o pudermos chamar, oferece ao sobrevivente um testemunho público que permite a irrupção na sociedade de uma verdade que até então se apresentava como indescritível ou proibida. Podemos então afirmar que este movimento da escrita oferece ao sobrevivente uma sensação catártica, uma vez que, compartilhar o seu sofrimento é também poder retirar de si o peso de um sofrimento doloroso demais para por ele só ser carregado (Rosenblum, 2002).

Neste sentido é o próprio Primo Levi quem melhor confirma esta ideia afirmando que *“A necessidade de contar aos «outros», de tornar os «outros» conscientes” tomara entre nós, antes e depois da libertação, o carácter de um impulso imediato e violento, ao ponto de rivalizar com outras necessidades primárias: o livro foi escrito para satisfazer essa necessidade; em primeiro lugar, portanto, como libertação interior”* (Levi, 2016, p. 9-10).

³ Tradução proposta pela autora a partir do original *“Le premier coup reçu brise la confiance dans le monde (...) Il brise aussi la certitude que l'autre va me ménager en fonction de contrats sociaux écrits ou non écrits (...) l'attente d'une aide extérieure est un élément constituant du psychisme au même titre que la lutte pour la vie”* (Waintrater, 2011, p.12).

A literatura que dá voz à testemunha

“o testemunho é a forma que com mais pertinência fala em nome de uma época e de um infausto”

(Mercado, 2009, *cit in* Araújo, 2016)

Após os acontecimentos catastróficos do século XX, o testemunho assume um papel bastante consistente perante a sociedade. Logo após o final da Primeira Guerra Mundial e através das dificuldades dos sobreviventes em colocar em palavras as suas experiências traumáticas, dá-se o que Walter Benjamin (1993, *cit in* Maldonado & Cardoso, 2009) definiu como o fim da *narrativa tradicional*. Assim, o testemunho aparece no auge de uma época marcada pelas guerras, pela violência e pela catástrofe. Para Oliveira (2008), o termo catástrofe define-se como um evento que provoca um trauma, e uma vez que qualquer forma de narrativa se torna insuficiente para alcançar as vivências do Holocausto aparece a necessidade de revisão do termo, agora pensado na sua relação com a realidade catastrófica e devastadora dos acontecimentos (Koltai, 2016). Embora muitos autores variem nos conceitos desta nova forma de literatura, a que vamos utilizar no presente trabalho é a de literatura de testemunho e é sobre esta que vamos falar seguidamente.

Antes no entanto convém distinguir as duas formas existentes de pensar o testemunho da *Shoah*⁴, que de acordo com Seligman-Silva (2008b) num primeiro tempo foi pensado e comparado à cena de um tribunal, no qual a pessoa que testemunha o acontecimento através de um documento fá-lo para que o seu testemunho fique na história. Nesta primeira cena encontramos os testemunhos que emergiram imediatamente no pós-guerra, como é o caso de Primo Levi. Numa segunda cena o testemunho obtém um carácter individual e tende a definir o testemunho como um momento de elaboração de um passado traumático. Pois é nesta segunda cena que a literatura de testemunho que tanto evocamos se encontra e portanto é sobre esta que nos debruçaremos.

⁴ *Shoah* – “devastação ou catástrofe em hebraico” (Danziger, 2007, p.3).

De acordo com Farias (2012) a literatura de testemunho surge daqueles que conseguiram atravessar e sobreviver a situações extremas de sofrimento. Tal como anteriormente referido, este testemunho aparece à voz daqueles que com eles traziam a necessidade de falar e de compartilhar o sofrimento deixado pelas experiências traumáticas do Holocausto. Podemos caracterizar o aparecimento da literatura de testemunho como uma actividade que não seria possível sem a sobrevivência daquele que voltou dos *Lager*⁵ ou de qualquer outra situação de violência extrema e que traz consigo as suas experiências traumáticas, experiências estas que resistem à representação e que se actualizam na emergência de narrar, de contar, mas também na emergência de ser acolhidas por quem as vai escutar (Seligman-Silva, 2008a; Seligman-Silva, 2000, *cit in* Koltai, 2016). Por sua vez, Primo Levi no seu livro *Os que sucumbem e os que se salvam* confirma as palavras acima descritas ao afirmar que “*a história dos campos de concentração foi escrita quase exclusivamente por quem não bateu no fundo. Quem o fez não voltou (...) ou então a sua capacidade de observação ficou paralisada pelo sofrimento e pela incompreensão*” (Levi, 2008).

É precisamente por estes que não tiveram voz, que bateram o fundo e não mais regressaram para falar, ou que por todo o sofrimento viram paralisadas as suas palavras, é por estes que as narrativas do testemunho se articulam directamente com as vivências de um grupo de vítimas (Penna, 2003 *cit in* Ginzburg, s.d.) e que pretendem lembrar aqueles que se viram privados do sentido do próprio “eu”, antes de poderem ter voz ou levar à escrita a própria experiência (Barenghi, 2005).

Procaccia (2004, *cit in* Mauro, 2010) defende ainda que esta necessidade por parte dos sobreviventes em testemunhar a sua experiência pode ser vista como um mecanismo para recontar e para reviver de forma a apropriar-se de um sentido para a própria dor. A autora propõe que o testemunho aparece com o objectivo de recuperação da identidade ameaçada pelas atrocidades vividas nos *Lager*, tornando-se “*numa forma privilegiada para contar uma experiência intransmissível pela mesma pessoa que a tenta transmitir*”⁶ (Waintrater, 2011, p. 9). No entanto para Seligman-Silva (2008a), a narrativa traz consigo outro objectivo que o autor destaca como um dos mais importantes, o objectivo de estabelecer uma ponte com “os outros”, de conseguir

⁵ *Lager* – “campos de concentração e extermínio” (Danziger, 2007, p.2).

⁶ Tradução proposta pela autora a partir do original “*Le témoignage est devenu la forme privilégiée pour dire une expérience qualifiée d’intransmissible par ceux-là mêmes qui tentent de la transmettre*” (Waintrater, 2011, p.9).

“resgatar” o sobrevivente dos muros do *Lager*, isto é, permitir ao sobrevivente que inicie o seu trabalho de se religar ao mundo, de reconstruir “a sua casa” mais precisamente um lugar seguro dentro de si próprio e dentro do outro. No fundo o testemunho tem em primeiro lugar o objetivo de dar uma resposta ao desejo do sobrevivente de renascer.

Seligman Silva (2003, p.46, *cit in* Ginzburg, s.d.) salienta ainda que o ato de testemunhar está envolvido numa ambiguidade entre a necessidade por parte do testemunho de narrar o acontecimento vivido e por outro lado a percepção da insuficiência das suas palavras para que o outro que lê possa dar conta de tamanha ofensa vivida.

Na tentativa de perceber estas narrativas, coloca-se a hipótese de servirem como forma de garantir que a humanidade não esquece, e que esta situação extrema fique na memória do leitor, como forma de combater o maior pesadelo do *Lager* - o facto de um dia contarem o que teriam vivido e o medo de ser descredibilizado sem que ninguém acreditasse nas suas palavras. Exemplo disto é a presença constante na obra de Primo Levi, de tempos verbais alternados entre passado e presente, entre o vivido e entre a necessidade de falar da sua experiência em tornar presente estes factos onde representa de forma sistemática a dor e o trauma evidenciando um passado, assim impossibilitado de se tornar passado (Barni, 2006).

Outros autores defendem ainda que este testemunho se compara a um retrato calado devido à impossibilidade de a narrativa contar ao leitor, uma experiência vivida que na realidade não pode ser contada (Bernardi, 1998, Sarlo, 1997, *cit in* Cardoso, 1998). De entre os vários motivos que levam o testemunho a querer lembrar aquilo que muitos querem esquecer, encontra-se a urgência e a necessidade dos sobreviventes em garantir que o mundo não esquece, a necessidade de registar as suas memórias traumáticas e poder desta forma dar voz aqueles que não mais tiveram a possibilidade de contar (Gagnebin, 2006, p. 11, *cit in* Araújo, 2016). Assim, “*O testemunho é uma potência que adquire realidade mediante uma impotência de dizer e uma impossibilidade que adquire existência mediante uma possibilidade de falar. Os dois movimentos não podem nem identificar-se em um sujeito ou em uma consciência, nem sequer separar-se em duas substâncias incomunicáveis. Esta indivisível intimidade é o testemunho*” (Agamben, 2008, p. 147).

Para as testemunhas do holocausto, dar o seu testemunho da situação extrema é uma questão central que mantém viva a memória do vivido, mas que poderá ajudar os sobreviventes a manter uma ligação com o antes e o depois do campo.

No entanto aquele que dá o seu testemunho é precisamente aquele que sobreviveu ao horror e por isso quando narra fá-lo para alguém, para um outro. Podemos então dizer que a escrita do testemunho é uma escrita com uma morada e a reacção do leitor e a sua capacidade de a aceitar e acolher, ou não, é um elemento de peso considerável na elaboração do trauma (Rodrigues, 2013). Neste sentido Seligman-Silva (2008a) afirma que sem a vontade do outro para escutar – aquele outro que testemunha a testemunha, aquele que não passou por todas as situações extremas anteriormente evocadas – sem o desejo do outro para acolher e carregar o testemunho que se escuta, então não existe testemunho.

Supomos assim que a esperança que muitos mantiveram de serem salvos, de poder chegar cá fora e contar o que viveram fez com que tenham encontrado um propósito para a luta pela sua sobrevivência, encontrando depois no espaço testemunhal, um “espaço terapêutico”, um espaço de liberdade psíquica, um espaço de libertação interior da dor, capaz de acolher as suas palavras, os seus silêncios, as suas lacunas e as suas incoerências (Waintrater, 2011, p. 240).

Do testemunho à (im)possibilidade de elaboração

Tem sido um dos objectivos principais deste capítulo tentar dar uma resposta às questões: será o testemunho uma forma de elaboração da dor psíquica, mais precisamente do trauma? Mas por mais que se busque um sentido para o vivido, será esta uma elaboração possível? É em busca de respostas que de seguida iremos reflectir essa mesma (im)possibilidade.

“O testemunho fala e narra o encontro com o real do trauma, ou como concebido por Lacan, o encontro com as experiências do corpo que sofre”

(Penna, 2003, *cit in* Guinzburg, s.d.)

De acordo com Farias (2012), compreende-se que uma experiência traumática como o Holocausto, com tamanhos custos subjetivos para o sujeito, ou o imobilize, silenciando-o para sempre, ou por outro lado, o torne capaz de elaborações, por mais pequenas que sejam, possibilitando a construção de uma memória. Assim, *“como elaboração de vários estímulos, a memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências/experiências ocorridas no passado”* (Kessel, 2009, cit in Araújo, 2016). No entanto e de acordo com Friedl e Farias (2012) devemos ter sempre presente que quando falamos em elaboração do trauma falamos de uma situação passível de ser elaborada. Devemos manter presente também que a história de vida e as condições psíquicas do sujeito traumatizado bem como a intensidade da cena traumática são as principais características que colocam ou não o sujeito, numa via da elaboração. Assim o trauma pode ter aspectos desintegradores da psique do sujeito quando o teor da cena traumática escapa à representação e impossibilita a elaboração comprometendo a sua existência. Por outro lado e uma vez que é neste lado que se foca a nossa reflexão, o trauma pode ter aspectos integradores e positivos quando o sujeito que passou por situações extremas procura de alguma forma superar e ultrapassar o trauma através do processo criativo da literatura do testemunho onde narra os acontecimentos da sua vida criando uma lembrança e uma memória. Devemos ainda reforçar a ideia de que este processo criativo a que chamamos literatura de testemunho aparece não com o objetivo de contar uma história de vida mas sim uma experiência de sobrevivência (Barenghi, 2005).

Waintrater (2011) defende que para os sobreviventes, esquecer tais acontecimentos é como “perder-se de novo” enquanto a recordação tem a capacidade de transformar e integrar psiquicamente, imagens e vivências até então insuportáveis e aterradoras. Poder falar e recordar o sofrimento para um outro, dá ao sujeito a capacidade de elaboração do trauma, provocando uma sensação de libertação da dor psíquica e uma reapropriação da sua história. No entanto não devemos deixar de ter presente que a produção de um testemunho de uma experiência traumática não é de todo um processo linear, cronológico ou racional, ela é uma memória fragmentada que contém lacunas que poderão nunca ser preenchidas (Friedl & Farias, 2012).

Os acontecimentos do Holocausto permanecem como uma situação de rutura e de estranho, como um choque que aniquila as condições de vida do sobrevivente, onde

o trauma por ele deixado “rompe” radicalmente estas mesmas condições (Farias, 2012 & Wainrater, 2011). No entanto, após a possibilidade de sobrevivência, “*o direito torna-se um dever: o de lembrar-se e testemunhar. A vida perdeu em relação à morte, porém a memória ganha o combate contra o nada*” (Todorov, 2004, p. 16, cit in Farias, 2012). Assim, a rememoração da experiência vivida que anteriormente se apresentava como invasora do psiquismo, torna-se agora num propósito de elaboração que possibilita uma organização e dá um novo sentido ao passado, dando-lhe a oportunidade de se transformar numa história de vida (Farias, 2012; Friedl & Farias, 2012). “*O dever da memória parece ter-se imposto como uma expressão de uma necessidade individual e coletiva para elaborar algo*”⁷ (Wainrater, 2000, p.201).

Barbosa, & Kupermann (2016) reforçam esta ideia quando afirmam que uma das repercussões subjetivas de ter sido vítima destes horrores, se manifesta no intenso desejo de Primo Levi em contar a sua experiência e as suas vivências, o que revela uma necessidade de iniciar o processo de elaboração do trauma. Primo Levi foi assim um dos sobreviventes que conseguiu reunir forças para deixar ao mundo o seu testemunho e a sua passagem pelas situações de violência extrema, que conseguiu colocar em palavras aquilo que se apresenta como indizível e irrepresentável (Friedl & Farias, 2012).

Nesta mesma linha de pensamento, tal como observamos em Primo Levi e em relatos de outros sobreviventes, por exemplo na repetição constante de um mesmo sonho, em que perante as suas famílias e ao contar os horrores dos quais foram vítimas, ninguém os ouviria, as pessoas retomariam em frieza e longe de empatizar com tais relatos. Ou somente por exemplo na necessidade da escrita e de testemunho logo após a sua libertação, aquilo que se verifica é a repetição constante da cena traumática. Segundo Farias (2012), esta repetição é nada mais do que uma tentativa de elaboração. O vai e vem da cena poderá ter o papel de preparação, isto é, preparar o sujeito para o insuportável da experiência vivida, sendo que esta repetição minimizará o choque produzido pelo trauma, dando origem a mecanismos que enfraqueçam a intensidade traumática de tais experiências.

⁷ Tradução proposta pela autora a partir do original “*le devoir de mémoire semble s’être imposé, expression d’un besoin à la fois individuel et collectif d’élaborer quelque chose de cette période (...)*” (Wainrater, 2000, p.201).

Carreiras (2005) reforça esta ideia quando afirma que a obra, para além de uma tentativa de elaboração, nos traduz sempre dois níveis dessa elaboração, um primeiro nível que constrói uma nova ordem interna para o sujeito, capaz de absorver, ligar e integrar as tensões por ele vividas; e um segundo nível que representa uma luta para a construção dessa ordem, em elementos do mundo. Em qualquer um destes movimentos a obra traduz sempre uma tentativa de procura de uma unidade.

Para Seligmann-Silva (2001, *cit in* Araújo, 2016) o testemunho transforma-se num momento em que se tenta reunir os fragmentos psíquicos provocados pela experiência traumática, contextualizando-os na sua história e concedendo-lhes significado, este movimento nada mais é do que uma elaboração.

Capítulo III – Em busca de um sentido...

A função continente-conteúdo

“O suporte origina o sentimento de voar com as suas próprias asas.”

(Delgado, 2012, p.146)

Sabemos hoje, a partir de estudos levados a cabo ao longo de décadas, que o desenvolver da vida psíquica se inicia cedo, e que só é possível na interação com um outro. Para a reflexão que se segue será necessário pensar o bebé, imaginá-lo como um ser frágil e dependente. Pensar neste bebé sugere-nos que quando deixa de existir na vida uterina ligado por um cordão umbilical, passa a existir no mundo de um outro ligado agora por emoções, um outro que ofereça um colo físico e mental capaz de conter as suas angústias. Este outro, este cuidador, deve ter a capacidade de guardar o seu bebé dentro de si, passando este a fazer parte da sua vida psíquica, sendo ainda necessário que este outro seja suficientemente bom cuidador para que o bebé possa guardar também a existência de um outro dentro de si próprio. Tem assim o papel fundamental de impulsionar a adaptação do bebé a este novo mundo e de o acompanhar no desenvolvimento da sua vida psíquica (Carreiras, 2005).

O processo de aquisição por parte do bebé de um sentimento de existência e pertença a este novo mundo só é possível se os seus cuidadores se encontrarem disponíveis para a compreensão do mundo do bebé e se os mesmos estiverem disponíveis para se adaptar e adaptar o mundo a este novo ser (Carreiras, 2005).

Vários são os autores que se têm debruçado sobre este tema e desenvolvido as suas teorias acerca do mundo da mãe com o seu bebé e desta capacidade de o receber. Para Delgado (2012), a função continente representa um elemento fundamental na constituição e desenvolvimento da psique humana, e deste modo, evocaremos ainda que

de forma breve os quatro principais autores citados por Delgado, seguindo o seu raciocínio na descrição desta função⁸.

De acordo com Bion (1962/1991, *cit in* Delgado, 2012) quando falamos em função continente referimo-nos à base da díade mãe-criança. Desta forma, a *função alfa* opera sobre todos os dados brutos (*elementos beta*) captados pela consciência do sujeito, transformando-os em *elementos alfa*, ou seja, em elementos mnésicos que possam ser suportados, integrados e pensados pelo psiquismo. Neste sentido, dizemos que a capacidade de *rêverie* da mãe – ou seja, a sua capacidade para conter as emoções projetadas pelo bebé – é determinante para uma experiência emocional de crescimento psíquico para os dois – a mãe pode então ser definida como um continente que recebe as projeções do bebé, o conteúdo (*elementos beta*), e que com a ajuda da sua *função alfa*, ou seja a sua disponibilidade psíquica e espírito recetivo, contém e transforma estas projeções, modificando-as e devolvendo-as como *elementos alfa* capazes de ser introjetados e suportados pelo bebé – quando este processo ocorre sistematicamente e sem falhas permite que o bebé desenvolva o seu próprio aparelho de pensar, o seu próprio psiquismo. No caso de ocorrerem falhas neste processo o bebé acaba por receber de volta aquilo que Bion definiu como “*um terror sem nome*”.

Outros autores como Winnicott desenvolveram a sua própria conceptualização acerca da relação mãe bebé. No seu texto *A preocupação materna primária* publicado em 1956, Winnicott define como preocupação materna primária o estado mental que ocorre com a mãe durante e no final da gravidez, com duração de algumas semanas após o nascimento do bebé – “*essa condição organizada (que seria uma doença no caso de não existir uma gravidez) poderia ser comparada a um estado de retraimento ou de dissociação, ou a uma fuga, ou mesmo a um distúrbio num nível mais profundo, como por exemplo um episódio esquizóide, onde um determinado aspeto da personalidade toma o poder temporariamente*”.

Desta forma o desenvolvimento do *self* do bebé depende de uma mãe suficientemente boa que lhe permita a vivência “*de ser*”. Esta conceptualização torna-se agora possível de ser pensada em termos de função continente uma vez que este estado acima referido pode ser traduzido como o continente que conduz o bebé à descoberta do

⁸ Devido à actualidade e à escrita clara do trabalho desenvolvido pelo autor Luís Delgado, seguiremos o raciocínio da sua obra “*Psicanálise e criatividade - estudo psicodinâmico dos processos criativos artísticos*” para o desenvolver do presente capítulo acerca da função continente.

self e do sentimento de existir e de “*ser*”, constituindo a capacidade de desenvolver um interior (Delgado, 2012).

Podemos ainda verificar a descrição desta função continente nos trabalhos de Esther Bick, que a descreve como uma função que permite aglomerar as diferentes partes do *self*. A autora designa esta função continente também como uma função “*continente-pele*” que nos remeterá mais à frente para o trabalho desenvolvido por Didier Anzieu nos quais o termo “*pele-psíquica*” se tornou central. Assim para Bick (1968/1991, p.194 *cit in* Delgado, 2012) “*A tese é de que, em sua função mais primitiva, as partes da personalidade são sentidas como não tendo nenhuma força de ligação entre si e que portanto, devem se manter unidas de um modo que vivenciam passivamente – com a pele funcionando como limite. Mas esta função interna de conter as partes do self depende, inicialmente, da introjeção de um objeto externo, sentido como capaz de cumprir esta função. Mais tarde, a identificação com esta função do objeto substitui o estado não-integrado e dá origem à fantasia de espaços internos e externos*”, ou seja, estão agora estabelecidas as condições para que o bebé idealize um *self* e um *objeto*. Enquanto as funções continentais da mãe não forem introjetadas, este espaço de idealização não pode surgir.

Por último, Didier Anzieu aproxima o seu trabalho ao de Bick na construção do conceito de Eu-Pele que define através de uma passagem como “*À pele que recobre toda a superfície do corpo e na qual estão inseridos todos os órgãos dos sentidos externos responde a função continente do Eu-pele. (...) O Eu-pele como representação psíquica emerge dos jogos entre o corpo da mãe e o corpo da criança, assim como das respostas dadas pela mãe às sensações e emoções do bebé (...). O Eu-pele só é continente se houver pulsões para conter (...)*”. É no facto de mãe e bebé se complementarem um ao outro que se funda o sentimento de continuidade do *self* (Anzieu, D., 1987, p. 100-101, *cit in* Delgado, 2012).

Embora as conceções elaboradas por estes quatro autores sejam igualmente importantes para o desenvolver do presente trabalho na medida em que nos ajudam a compreender melhor as várias perspetivas de definição da função continente, focaremos apenas e mais adiante a conceção de Bion, que considero ser a mais completa e a que melhor nos ajudará a perceber de que forma a função continente-conteúdo está inscrita na escrita de Primo Levi.

A perda do “bom objecto” interno

“No Lager tudo acontece de outra forma: aqui, a luta para sobreviver é sem remissão, porque cada um está desesperada e ferozmente só.”

(Levi, 2016, p. 94)

“O pedido de solidariedade, de uma palavra humana (...) de atenção, era permanente (...) mas raramente satisfeito.”

(Levi, 2008, p. 77)

De acordo com Laub, & Auerhahn (1989, p.1) *“o vínculo entre o eu e o outro baseia-se na possibilidade e na expectativa de empatia”*⁹. É precisamente a representação interna de interações que satisfazem as necessidades do sujeito, que lhe permite um elo de ligação entre um *eu* e um *outro*, entre a existência pessoal e a conexão social. Quando o sujeito se vê perante tamanha violência como a vivida nos campos de concentração, tende a procurar a compreensão e a empatia de um outro. No entanto sabemos que para além desta resposta não existir dentro dos *Lager*, ela também foi sentida como insuficiente por parte da sociedade após a libertação dos campos. A exposição à violência extrema tende a invadir a representação que o indivíduo tem das interações que satisfazem as necessidades, acabando por desconstruir o elo de ligação entre o *eu* e o *outro*. Desta forma, os autores afirmam que a fé na possibilidade de comunicação entre o *eu* e o *outro* “morre”, o que resulta num sentimento de vulnerabilidade e solidão na sua representação interna do mundo onde deixa de haver um outro capaz de acolher o sujeito.

Para Ferenczi o sofrimento da exposição a situações extremas de violência experienciado pelos sobreviventes, bem como a indisponibilidade do *outro* para uma resposta empática, deixa um trauma que se constitui como uma decepção face ao “bom objecto” interno, face à representação interna de um *outro* capaz de acolher e empatizar.

⁹ Tradução proposta pela autora a partir do original “The link between self and other is predicated on the possibility and the expectation of empathy” (Laub, & Auerhahn, 1989, p.1).

Assim, com a decepção vem a percepção da ausência de investimento por parte do objeto que conduzem a um vazio capaz de fissurar o psiquismo (Moreno, & Junior, 2012). Esta falha na ligação entre Eu-Outro causada pela falta de empatia e pela conseqüente perda do “bom objecto” interno faz com que o indivíduo sofra uma perda na representação interna e uma incapacidade de compreender o que se passou, assim como uma perda de coerência. Assim, a principal conseqüência apresenta-se num desmoronamento da relação entre o *eu* e um outro que nutre e acolhe (Laub & Lee, 2001; Laub & Auerhahn, 1993). Muitos dos sobreviventes revelam que todas as recordações dos inimigos, dos tiros das torturas e dos abusos atrozes se atenuam com o passar do tempo, mas o que jamais se atenuará é o sentimento de abandono por parte do mundo. “*Abandonados por todos*” é a frase que mais vezes se pronuncia entre os sobreviventes, uma vez que dentro dos campos num ambiente longe de ser securizador, a pertença à espécie humana fica afetada, ora, era precisamente este sentimento de pertença que os opressores tentavam destruir de imediato quando transmitiam aos sobreviventes que o mundo não mais se importava com eles que haviam sido abandonados pelos homens mas principalmente por Deus. Este sentimento de solidão radical que se vem juntar ao sofrimento físico torna a sobrevivência do indivíduo um fardo totalmente insuportável (Waintrater, 2011).

Tal como Laub & Lee (2003) evidenciam, o trauma da exposição à situação de violência extrema rompe o que é construído precocemente na ligação mãe-filho, destruindo a ligação entre o self e um outro empático “*a primeira ligação estabelecida pela expectativa de responsividade mútua no vínculo mãe-filho e tornado objecto pela introjecção materna*”. Esta ideia evidencia o fato de anteriormente ter existido uma “*mãe interna que se mantém como espectadora, permitindo que o ataque ocorra ou que falha na prevenção desse ataque*”¹⁰ (Laub & Auerhahn, 1993, p. 287).

Perante a indiferença do outro, que dentro do *Lager* privou o sujeito das suas necessidades básicas, ou perante a resposta inexistente da sociedade que se imaginava ser capaz de ouvir e acolher o sujeito, aparece o sentimento de incapacidade de afetar o meio envolvente de forma interpessoal para que se possa suscitar uma vivência de reciprocidade. O que existe agora é apenas a sensação de “*não ter mais ninguém com quem contar*”¹¹ (Wiesel, 1968/1970 *cit in* Laub, & Auerhahn, 1989, p.2), uma vez que o

¹⁰ Tradução proposta pela autora a partir do original “the internal mother always watches, allowing the attack to occur, or at least failing to prevent it” (Laub & Auerhahn, 1993, p. 287).

¹¹ Tradução proposta pela autora a partir do original “no longer anyone on whom to count” (Wiesel, 1968/1970 *cit in* Laub, & Auerhahn, 1989, p.2).

vínculo estabelecido entre o sujeito e o outro foi apagado pela falha na empatia (Auerhahn & Laub, 1987 *cit in* Laub, & Auerhahn, 1989). Uma vez percebida esta falha, poderá levar o sujeito a questionar a própria humanidade uma vez que sente não existir uma forma de espelhamento e comunicação. O resultado é mais uma vez um sentimento de solidão, resultado da descontinuidade na representação interna do outro, mas mais que isso na representação interna da sociedade (Laub, & Auerhahn, 1989).

Para finalizar, deve ser realçado que estas falhas na empatia que provocam uma descontinuidade na representação interna do mundo que se tinha antes da vivência extrema, e que destroem o laço eu-outro que se havia formado numa fase precoce da vida, destroem também a esperança de se voltar a comunicar. Mas mais que isso, destroem a ressonância do sujeito com o seu próprio mundo interno, diminuindo a capacidade de estar em contato consigo mesmos dando-lhes a sensação de que dentro deles próprios já não existe um eu.

Améry (1966/1980, *cit in* Laub, & Auerhahn, 1989, p.2) traduz-nos este sentimento de solidão na seguinte frase: *“Após o Holocausto, eu era uma pessoa que não podia mais dizer” nós “e que, portanto, dizia” eu “apenas por hábito, mas não com o sentimento de plena posse de mim mesmo”*¹².

¹² Tradução proposta pela autora a partir do original “After the Holocaust, I was a person who could no longer say ‘we’ and who therefore said ‘I’ merely out of habit, but not with the feeling of full possession of myself” (Améry 1966/1980, *cit in* Laub, & Auerhahn, 1989, p.2).

Capítulo IV – Sobre o autor e as suas obras...

Sobre Primo Levi

Primo Levi nasceu em Turim, cidade do norte de Itália, em 1919. Proveniente de uma família judia, licenciou-se em química numa Itália que vivia já as consequências das leis raciais contra os judeus, comandadas por Mussolini. Participou na resistência contra a ocupação nazi e a 13 de dezembro de 1943 foi detido pela Milícia fascista, na altura tinha apenas 24 anos e fazia parte do movimento “*Giustizia e Libertà*”¹³.

Após a sua detenção foi internado em janeiro de 1944, no campo italiano de Fóssoli. Em fevereiro do mesmo ano foi entregue ao exército nazi e consequentemente deportado para o campo de Auschwitz-Monowitz, na Polónia no qual foi julgado apto para trabalhar e tal como os outros prisioneiros na mesma condição, foi forçado a trabalhos de mão-de-obra escrava na fábrica de borracha “Buna”. Meses depois, após a sua saída da enfermaria, onde permaneceu durante 20 dias, Primo Levi foi integrado no *Kommando* químico, e ainda em novembro do mesmo ano, foi selecionado para integrar o trabalho no laboratório da Buna na fábrica mais importante da química alemã, IG Farben. A 27 de janeiro de 1945 foi libertado pelo exército vermelho e transferido para o campo de reagrupamento em Katowice onde a pedido do comandante do campo, desenvolveu juntamente com Leonardo Debenedetti o seu primeiro texto escrito *Relatório sobre a organização higiénico-sanitária do campo de concentração para judeus de Monowitz-Auschwitz*. Até regressar a casa passou por vários países da Europa. Já em Turim, Primo Levi volta a dedicar-se à profissão anterior de químico industrial na SIVA – Societá Industriale Vernici e Affini, industria química de tintas da qual foi diretor (Auretta, 2002; Gramary, 2006; Levi, 2016).

Primo Levi oferece-nos em 1947 o seu primeiro trabalho escrito de testemunho sobre as experiências avassaladoras no campo, intitulado *Se isto é um homem*. Em 1963 e incentivado pela viagem que teria feito pela Europa no regresso a casa nasce a obra, *A trégua* e por fim em 1986 o seu último livro *Os que sucumbem e os que se Salvam* que vem celebrar os 40 anos do fim do *Holocausto*. Além destes, Primo Levi publicou ainda outros livros intitulados *A tabela periódica*, *Momentos de Reparação*, e a *Chave estrela*.

¹³ Organização inspirada em ideais liberais-democráticos (Levi, 2016, p.11).

Escreveu ainda vários livros e poemas, publicados em duas coleções “*resultado de uma emotividade que dificilmente consigo analisar*” (Levi, 1975, cit in Aurette, 2002). O seu testemunho, no entanto, vai além dos seus livros, e Primo Levi oferece-o ao escrever artigos para o jornal *La Stampa*, mas também ao participar em palestras nas escolas, em programas de rádio, bem como através de várias entrevistas, entre outros.

Primo Levi morre um ano após o lançamento da sua última obra, em Turim, a 11 de abril de 1987, fatalidade ocorrida na sequência de uma queda das escadas do terceiro andar do prédio onde vivia. Na verdade, este é um facto que está por apurar, terá sido a sua morte propositada e, portanto, pensada, um ato voluntário momentâneo, ou uma queda acidental?

Interessa-nos para o presente trabalho a análise das obras *Se isto é um homem?* e *Os que sucumbem e os que se salvam* por serem as principais obras de Primo Levi e acarretarem consigo o teor testemunhal do Holocausto. É interessante abordarmos estas obras que tanto se distanciam no tempo, uma nasce após a libertação, inaugurando o seu testemunho e a sua última e derradeira que vem marcar o aniversário de 40 anos da libertação mas também marcar o encerramento do seu testemunho. A escolha do autor e das suas obras está na sua escrita clara, simples e coerente. Uma escrita que marca pela sua capacidade realista e detalhista, capaz de nos transportar enquanto leitores para próximo das suas vivências. Penso que também era esse o objetivo do autor ao escrever, fazer-nos sentir as suas palavras para que a nossa capacidade de empatizar servisse de colo à sua escrita. Outro dos motivos que me levou a escolher estes trabalhos foi a capacidade lutadora e batalhadora de Primo Levi antes, durante e depois de Auschwitz e que tão bem se faz notar nas suas obras.

Desta forma apresentaremos, ainda que de forma breve, o resumo das duas obras escolhidas, em primeiro lugar *Se isto é um homem*, seguida de *Os que sucumbem e os que se salvam*.

Se isto é um homem

Da experiência nos campos de concentração de Auschwitz e o Holocausto nasce o primeiro livro de Primo Levi. *Se isto é um homem* é escrito por Primo Levi um ano após a sua libertação do campo de Auschwitz, pela “necessidade de contar “aos outros”, de tornar os “outros” conscientes (...)” de forma a satisfazer a necessidade “de liberação interior”, daí, como ele mesmo refere o “carácter fragmentário” destes capítulos que, “foram escritos não em sucessão lógica, mas por ordem de urgência” (Levi, 2016, p. 10).

A *viagem* intitula o primeiro capítulo desta obra e conta-nos a sucessão de acontecimentos que o levaram até Auschwitz. A 13 de Dezembro de 1943, Primo Levi foi detido pela Milícia fascista, na altura tinha apenas 24 anos e fazia parte do movimento “*Giustizia e Libertà*” um grupo pouco qualificado e pouco organizado, sem experiência, refugiado nas montanhas e que pretendia fazer resistência contra as tropas nazis-fascistas em Itália. Aquando da sua detenção Primo Levi declara-se “*cidadão italiano de raça judaica*” pensando que de outro modo, caso admitisse a sua atividade política não escaparia à tortura e à morte. Em janeiro de 1944 é levado para Fóssoli perto de Módena, um grande campo de concentração destinado a todas as pessoas não gratas ao recém-criado governo republicano e um mês depois em 22 de fevereiro de 1944 foi deportado para Auschwitz. Antes da viagem, cada um dos 650 judeus italianos que seriam deportados, preparou-se e “*despediu-se da vida da forma que lhe era mais própria*” tal como “*faziam os homens quando sabiam que iam morrer*” (...) *Alguns rezaram, outros beberam para além do normal, outros inebriaram-se com a última nefanda paixão. Mas as mães ficaram acordadas para preparar com amoroso cuidado (...) das cem pequenas coisas que elas bem conhecem, e das quais os filhos sempre precisam*” (Levi, 2016, p. 13-14). Após a chamada, e como se de “peças” de mercadoria se tratassem, estes 650 judeus dos quais faziam parte homens, mulheres e crianças, receberam as primeiras pancadas e “o facto foi tão novo e insensato, que não sentimos dor, nem no corpo nem na alma” (Levi, 2016, p. 15), depois foram contados e distribuídos pelos 12 vagões do comboio que os transportara até Auschwitz. Durante a viagem de cerca de 4 dias estes seres humanos desesperaram de frio, de fome, de sede, cansaço e pela insónia que não os deixava dormir por mais que quisessem e as condições em que estavam amontoados assim não o permitia. Já em Auschwitz e no

instante da sua chegada, todos participaram de uma seleção da qual os homens válidos foram colocados num grupo, o que aconteceu às mulheres, crianças e velhos ficou por esclarecer para sempre, pois sem direito a despedidas estas pessoas foram separadas e engolidas pela longa noite, a partir daqui nunca mais sendo vistas. Dos judeus acima referidos apenas 96 homens e 29 mulheres entraram em Buna-Monowitz e em Birkenau, os restantes, ninguém sabe.

O título do segundo capítulo, *No fundo* recorda a entrada de Primo Levi no campo de Auschwitz onde se podia ler na grande entrada “*ARBEIT MACHT FREI, o trabalho liberta*” (Levi, 2016, p. 21). De seguida os 96 homens judeus foram novamente amontoados, desta vez numa sala vazia e fria onde esperaram cansados e de pé que algo acontecesse, esperavam eles algo terrível, e nada acontecia, sentiam que “*já não se pode pensar, é como estar morto*” (Levi, 2016, p. 21). No entanto, surge um guarda das SS que ordenou que se colocassem em filas, depois e de forma obediente todos despiram as suas roupas expondo a sua nudez. De seguida foram barbeados e rapados, levados ao duche e à desinfeção, pois só depois desta estariam prontos a entrar no campo. Foram distribuídas roupas esfarrapadas e sapatões pesados de sola de madeira, de seguida os recém-chegados foram lançados para a rua para a neve gelada, nus e de roupas na mão. Deveriam correr até ao próximo barracão e lá era-lhes permitido vestir. Não ousavam olhar-se, depressa perceberam que não havia palavras que descrevessem tal ofensa, que descrevessem a “*destruição de um homem*”. Perceberam ainda que não lhes restava nada e brevemente até o nome lhes seria roubado. O seu novo nome foi-lhes tatuado no braço esquerdo, não passava de um número pelo qual passariam agora a ser chamados e que identificava a nacionalidade, a época de entrada no campo e o comboio do qual faziam parte à chegada, e é este o número que declara a verdadeira iniciação da vida no *Lager*. No final destes rituais deixavam de ser homens e tornavam-se seres vazios a quem já nada pertence, nem a casa, nem a família, nem o cabelo, nem as roupas, nem os hábitos e por fim até do nome, da própria identidade, foram privados. Dava-se a transformação de ser humano para *Haftling*¹⁴. Foi-lhes depois permitido o contacto com os outros prisioneiros e com os *Blocks*¹⁵ – dormitórios comuns com cerca de 148 camas feitas de tábuas, enxergão de

¹⁴ *Haftling* - Termo em alemão utilizado para designar os prisioneiros (<https://pt.bab.la/dicionario/alemao-portugues/haeftlinge>).

¹⁵ *Blocks* – Termo utilizado nos campos de concentração para designar as barracas de madeira (Levi, 2016).

palha e cobertor, constituídas por beliches de três andares até ao teto que deveriam acomodar cerca de 200 a 250 *Haftling*.

A partir daqui a sua sobrevivência no *Lager* dependia das importantes aprendizagens que deveriam fazer. Era necessário aprender que ali tudo era proibido e que existiam regras- regras de utilização de todos os espaços, regras de higiene e de vestuário. Deveriam saber formar corretamente as filas e aguardar pacientemente as contagens e a chamada, para a qual era necessário conhecer o som do seu número e saber responder *jawohl*¹⁶. Era igualmente importante conhecer a hierarquia do *Lager* e os três tipos de *Haftlinge*, os criminosos que se identificavam através do triângulo verde e que tinham liberdade de agir sobre os restantes; os políticos que se identificavam pelo triângulo vermelho e por último os judeus distinguidos pela estrela judaica. Mais importante ainda era aprender que os alimentos têm um valor muito particular e que deles deve ser retirado o proveito máximo, como tentar ficar no melhor lugar da fila para receber a sopa do fundo da selha que era ligeiramente menos aguada, rapar bem o fundo da marmita, não deixar ficar lá nada e utilizá-la para aparar as migalhas do pão para que nada fosse desperdiçado.

Outra aprendizagem a fazer o quanto antes era que qualquer distração, por mais pequena que fosse podia levar a ser roubado por outro prisioneiro, portanto deveriam aprender a não se distrair nem se deixar roubar, pois tudo ali era importante desde uma colher a um bocado de cordel ou de arame, tudo era precioso e deveria ser bem guardado. Quanto ao trabalho deveriam saber aprender que era muito duro de realizar e durante o Inverno podia ser fatal pois alguns prisioneiros ficavam expostos à chuva, ao frio e à neve.

Passados quinze dias de estadia no campo Primo Levi conta-nos como sentia a “*fome crónica desconhecida dos homens livres*” (Levi, 2016, p. 36), como até o próprio corpo deixou de lhe pertencer, agora encontrava-se devastado pelo trabalho duro e pela fome que transformava os homens, inchava-lhes o ventre, emagrecia-lhes os membros, mudava-lhes a cor dos rostos e deformava-os tão depressa que se tornavam irreconhecíveis.

Iniciação é o terceiro capítulo que embora descreva algumas das rotinas diárias do *Lager*, também nos vem oferecer uma reflexão acerca da importância da higiene. É

¹⁶ *Jawohl* – Termo em alemão que significa perfeitamente, com certeza, sim senhor (<https://pt.bab.la/dicionario/alemao-portugues/jawohl>).

uma reflexão acerca da higiene e da impotência de não perder estes hábitos, claro que não é com o objetivo de manter o corpo limpo dado que naquele lugar, “*lavar-se todos os dias na água turva do lavatório fedorento é praticamente inútil para fins de limpeza e de saúde*” (Levi, P., 2016 p. 39), mas pretende lembrar como era importante mantê-la para fins de sobrevivência do próprio sujeito, porque criar estes hábitos num lugar como este, era um “*sintoma de um resto de vitalidade (...) instrumento de sobrevivência moral*” (Levi, 2016, p. 39).

Nos *Lager* qualquer ser humano deixava de o ser pela capacidade que este lugar tinha de os reduzir a animais. Todos os *Haftlinge* eram privados de qualquer direito humano e a morte devia ser para cada um uma certeza. No entanto Primo Levi reflete acerca da importância das palavras do Sr. Steinlauf que lhe mostraram que embora as circunstâncias assim o queiram, o homem não tem de se transformar em animal e para garantir a sobrevivência é preciso querer e esforçar-se para sobreviver, procurar nas pequenas coisas como tomar banho, atar os sapatos, caminhar direito ou não arrastar os pés, uma forma de dignidade, prioridade e mais importante, de querer manter-se vivo.

Do nome *Krankenbau*, o quarto capítulo é intitulado de *Ka-be* e revela-nos uma breve visão daquilo que eram as enfermarias nos *Lager*. Estas enfermarias eram um local assombroso, onde o medo das câmaras de gás e do extermínio era uma constante pois só o diagnóstico os podia livrar deste fim ou pelo contrário entregá-los. Primo Levi esteve internado numa destas enfermarias após sofrer um acidente no campo e o seu diagnóstico não era dos piores, pelo contrário ele sofria de *Arztvormelder*, e este devia garantir-lhe alguns dias de repouso. O ritual de entrada no *Ka-Be* era mais uma vez semelhante ao da entrada inicial no campo, todos deviam expor a sua nudez, deviam ser rapados e encaminhados para o duche. Nestas enfermarias não se era exposto ao frio, não se trabalhava e não eram feitas agressões sobre os prisioneiros, era apenas nestes aspectos que a estadia no *Ka-be* se diferenciava da estadia no campo, mas a fome, a fadiga e o corpo doente faziam com que as semelhanças aparecessem. Tal como Primo Levi (2016 p. 55) descreve “*o Ka-be é o Lager sem o desconforto físico*”.

As nossas noites é o título do quinto capítulo onde Primo Levi descreve a saída do *Ka-be* e as implicações que trazem para quem vive no *Lager* mostrando as dificuldades de adaptação ao novo *Kommando*¹⁷ e ao novo *Block* onde são desta vez

¹⁷ *Kommando* – Termo alemão que significa ordem (<https://pt.bab.la/dicionario/alemao-portugues/kommando>).

inseridos. Como tema central deste quinto capítulo são-nos descritas as dificuldades das longas noites de Inverno, pois “durante toda a noite, através de todas as alternâncias de sono, de vigília e de pesadelo, vigiam a espera e o terror do momento de despertar” (Levi, 2016, p. 64). Fazia parte das noites de todos os *Haftlinge* os mesmos pesadelos que insistiam em tecer em todos a mesma angústia – neste sonho aparecia a família, os amigos e muitas outras pessoas que ouvem atentamente o que lhes é contado, toda a dor, a fome os maus tratos. Aparece ainda a satisfação e o prazer de voltar ao conforto de sua casa, voltar a ver e estar junto destas pessoas amigas que num momento o ouvem para no segundo seguinte perceber que ninguém lhe presta atenção, falam como se não estivesse lá, ninguém o vê, ninguém o ouve. Outro pesadelo recorrente é o que está relacionado com a fome de todos os dias em que lhes é apresentada boa comida, da qual conseguem sentir o cheiro forte e de repente por um ou outro motivo nunca conseguem comer. – Estes são os sonhos ou pesadelos que ocorrem durante o frenesim e o silêncio de todas as noites, durante as peregrinações ao balde, onde despejam a água em forma de sopa, que beberam durante o dia. Assim, do vazio da noite, despertava o dia, despertava a fome, o frio e a fadiga, e estavam prontos para mais um dia de trabalho.

No sexto capítulo *O Trabalho*, Primo Levi descreve-nos os seus longos dias de trabalho, mais precisamente um desses dias. Não se passava mais dos que a mesma rotina diária de acordar, vestir a pressa, fazer a cama e correr para as latrinas. Reunir na praça de chamada logo de seguida, fazia-se a contagem dos *Haftlinge* em cada *Kommando* e cada um destes partia para a sua obra. Neste doloroso dia de trabalho que Primo Levi nos conta, cabia ao seu *Kommando* a descarga dos tubos de ferro fundido bastante pesados que exigia dos trabalhadores todo o seu esforço e atenção, se um destes faltasse corriam o risco de ser esmagados. Terminada esta tarefa, era necessário o auxílio de dormentes de oitenta quilos que deveriam ser carregados aos ombros para que pudesse ser construído o caminho até à fábrica. Assim sendo, qualquer pretexto era uma boa desculpa para parar e para escapar nem que fosse a única ida à latrina que era permitida durante o dia. Ao meio-dia a sirene da hora de almoço interrompia o trabalho e iniciavam-se as correrias para encher a tigela da sopa que permitia disfarçar a fome. Até à uma hora estavam “livres” então, para descansar um pouco.

O título do sétimo capítulo *Um Bom dia* reflete acerca da importância da nova estação que se aproxima. A chegada da Primavera traz consigo uma trégua do frio, um inimigo a menos e chegar à Primavera é agora a finalidade de cada um. Mas não é só a Primavera que chega, neste dia relatado no presente capítulo, acontecera algo muito

bom. Primo Levi conta-nos sobre uma surpresa particular, a felicidade de chegar à barraca na hora de almoço e para além do “rancho” normal, encontrarem cinquenta litros de sopa a mais, o que dará mais três litros de sopa a cada um dos quinze *Haftlinge*. Ao final do dia de trabalho, estavam saciados, sentiam-se bem e não se proporcionavam as discussões. Sentiam-se bons e hoje perante isto era permitido pensar nas suas mães e nas suas esposas, pelo menos durante umas horas poderiam ser “infelizes à maneira dos homens livres” (Levi, P., 2016 p. 81).

Aquém do bem e do mal é o título do oitavo capítulo no qual Primo Levi apela à reflexão do leitor acerca do significado das palavras “bem” e “mal”, “justo” e “injusto” dentro do *Lager*. Para que o leitor faça este tipo de reflexão, este capítulo expõe vários exemplos das experiências da Bolsa, na qual se faziam trocas de bens (dos quais fazem parte as suas camisas, sopas, pão e até legumes roubados da cozinha) como se fosse um mercado clandestino e por aqui “vagueiam às dezenas, com os lábios semiabertos e os olhos a brilhar, os desesperados da fome, que um instinto enganador empurra para o lugar onde as mercadorias exibidas tornam mais agudo o tormento do estômago, e mais intensa a salvação” (Levi, 2016, p. 84).

Sucumbir ou Salvar-se, o nono capítulo da obra de Primo Levi, apresenta ao leitor uma pequena amostra acerca da vida ambígua dos *Lager* e a dura forma como o homem pode alcançar o fundo. Primo Levi sublinha a importância de não perder a memória do *Lager*, não perder a memória da “gigantesca experiência biológica e social” (Levi, 2016, p.93) e acima de tudo não esquecer a condição de animal-homem ali vivida. É perante esta condição que a luta pela sobrevivência permite distinguir duas classes entre os homens dos *Lager* – os que sucumbem e os que se salvam – e salvar-se era uma tarefa que muito poucos conseguiam, uma vez que os caminhos da salvação eram imprevisíveis e difíceis. Os que melhor se adaptavam e conseguiam melhores condições para sobreviver faziam parte dos *Prominenten*, era assim que se chamavam aos *Kapos*¹⁸, aos cozinheiros, ao director-*Haftling*, aos enfermeiros, aos guardas, varredores entre outros.

Os proeminentes judeus que merecem algum destaque ao longo do capítulo constituíam “um triste e notável fenómeno humano” e eram o “produto típico da estrutura do *Lager* alemão” (Levi, 2016, p.97). Muitos foram os caminhos por estes inventados para sobreviver, cada um deles através de uma “luta esgotante” e

¹⁸ *Kapos* – termo que designa os chefes dos Kommandos (Levi, 2016).

pouquíssimos sobreviveram “*sem renunciar a nada do seu mundo moral*” quanto aos outros que renunciaram observa-se que bastava oferecer “*a alguns indivíduos em estado de escravidão uma posição privilegiada, um certo bem-estar e uma boa probabilidade de sobreviver, exigindo em troca a traição da solidariedade natural para com os seus companheiros, e certamente haverá quem aceite*” (Levi, 2016, p. 97).

Quanto aos que sucumbem, faziam parte dos *Muselmann*, “*homens em fase de degradação, a quem não vale a pena dirigir a palavra*” estes limitam-se a cumprir todas as ordens e regras, comem só a ração e obedecem à disciplina do campo e do trabalho. A estes “*o seu próprio corpo já se encontra em fase de aniquilação e nada os pode salvar da seleção ou da morte*” a estes “*evita-se chamar morte à sua morte*” pois dela, não só não têm medo como estão demasiado exaustos para que se apercebam dela (Levi, 2016, p.96).

No *Exame de química*, capítulo décimo, Primo Levi conta-nos acerca da constituição do *Kommando 98* ou o chamado *Kommando* Químico do qual deveriam fazer parte *Haftlinge* com especialidades na área da química. Os candidatos a este *Kommando* seriam submetidos a um exame, e do resultado dependia para Primo Levi a oportunidade que tinha de sobreviver caso fosse selecionado. Para o efeito foi tal como os seus colegas, submetido ao exame na presença do *Doktor Pannwitz*, e Primo Levi sentiu-se agora subtraído mais uma vez pelo olhar deste homem, louro de olhos azuis, alto e muito bem sentado atrás da sua secretária, e Primo Levi continuava a ser o Licenciado em Química, de mãos sujas, com chagas de calças lamacentas e magro, que sentia que não o acreditavam pois nem ele mesmo acreditava em si próprio que teria sido Licenciado em Turim, a realidade do campo fez parecer as recordações da sua vida antes do *Lager* profundamente longínquas. Mas hoje pelo menos Primo Levi estava agradecido, o seu cérebro não falhara para o exame que parecia ter corrido bem, tinha poupado um dia de trabalho e de cansaço o que pressupunha menos gasto de energia e menos fome durante a noite e só isso já era bom. No entanto a humilhação voltara quando o *Kapo* Alex limpa a sua mão – palma e costa – no ombro de Primo Levi, subtraindo-o novamente ao nada.

Em *O Canto de Ulisses*, décimo primeiro capítulo, o autor fala-nos um pouco acerca da sua relação com Jean, o *Pikolo* do *Kommando* Químico, um jovem recém-formado e o mais novo do grupo, do qual Primo Levi agora faz parte. Relata-nos ainda um episódio em que Jean conseguira que fosse Primo Levi a ir consigo buscar os 50 litros de sopa para distribuir por todos os restantes colegas. Para o caminho, escolheram

o mais longo e assim puderam falar de Estrasburgo e Turim e puderam lembrar as mães e a forma como as mães são iguais. Mas Jean mostrou um enorme interesse em aprender italiano e Primo Levi disponibilizou-se para lho ensinar recorrendo ao *Canto de Ulisses*, poema italiano da *Divina Comédia* que fala acerca do Inferno, do Purgatório e do Paraíso e que pretende falar acerca de “*todos os homens atormentados*” incluindo eles próprios.

Os Acontecimentos do Verão é o título do décimo segundo capítulo que relata os acontecimentos de agosto de 1944, em que a Alta Silésia é bombardeada. Primo Levi conta como os trabalhos na *Buna* foram agora cessados e como foi ver a *Buna* a desmoronar - cair aos pedaços como se tivesse sido atingida por uma maldição. Aquando dos bombardeamentos os *Haftlinge* não tinham acesso aos abrigos blindados e assim arrastavam-se atordoados e a coxear até às enormes áreas incultas e estéreis dentro do arame farpado tirando o maior proveito de se arrastar e sentir os membros do corpo em repouso. Para alimentar as veias vazias “*escolhíamos do solo pisado as chicórias e as camomilas mal nascidas, que mastigávamos longamente em silêncio*”. Perante esta situação Primo Levi sublinha que “*estávamos demasiado destruídos para ter verdadeiramente medo*” e relata-nos por fim a sua história com Lorenzo. Este último, um civil italiano que durante seis meses guardara e dera a Primo Levi, “*um bocado de pão e o resto do seu rancho*”, uma camisola sua com remendos e ajudou-o no envio de uma carta que Primo enviou para Itália auxiliando que a resposta chegasse novamente até si. Primo Levi reflete acerca da importância destes atos e da forma como foram dirigidos a si sem o mais pequeno interesse nas compensações ou formas de pagamento, tudo isto Lorenzo fez por achar que o bem não deve ser feito para ganhar compensações. E foi graças a Lorenzo que Primo Levi revela “*aconteceu-me não esquecer que também eu era um homem*” (Levi, 2016, p. 129).

A título do décimo terceiro capítulo é-nos apresentado *Outubro de 1944* que nos conta a forma como todos no *Lager* ansiavam que a primavera não fosse embora e desejavam apenas que o inverno não chegasse, pois a chegada significava que sete em cada dez *Haftlinge* morresse com o frio e os que sobreviviam iriam sofrer “*minuto após minuto, em cada dia, todos os dias*” (Levi, 2016, p. 131).

Juntamente com o inverno chegou a seleção para o gás, mais uma, e era hora de convencer-se a si próprio e aquele que estava a seu lado de que nenhum seria selecionado “*ninguém nega esta esmola ao outro: ninguém está tão certo da sua sorte para ter coragem de condenar os outros (...) e foi nesta base exígua que também eu*

atravessei a grande seleção de outubro de 1944, com inconcebível tranquilidade” (Levi, 2016, p. 133-134). Era domingo de trabalho, era dia de cortar os cabelos, controlar a sarna e os piolhos, mas também era o dia de ouvir tocar o sino a meio do dia que normalmente só toca de madrugada para a alvorada, e que hoje trazia consigo o anunciar de mais uma seleção. Mais uma vez os *Haftlinge* se encontram trancados nas barracas e novamente se deparam com a nudez uns dos outros, apenas com o número de matrícula na mão, enquanto esperam os SS que trarão para cada um a direita ou a esquerda, a vida ou a morte. Por sorte ou não, a ficha de matrícula de Primo Levi foi para a direita.

Kraus não é apenas o título do décimo quarto capítulo, é também o nome do húngaro que trabalhou com Primo Levi e a quem se dedica este capítulo. Ambos faziam parte do mesmo grupo de trabalho durante as escavações e debaixo de chuva, onde tudo se teria transformado num enorme lamaçal. O cansaço debaixo de chuva era um problema e Kraus ainda não percebera que ali se morre mais depressa de cansaço do que de uma pancada, então a forma como poupam energia depende hoje do seu ritmo de trabalho visto que Kraus é o primeiro das escavações. Mas num movimento mal direcionado, a lama cai sobre os joelhos de Primo Levi, o que serve de pretexto para mais tarde durante o regresso à barraca, os dois terem uma conversa. Assim Primo Levi conta um dos seus sonhos a Kraus, um sonho onde o mesmo entrava e que no final de escutar, o fez soltar gestos solenes de juras e votos dirigidos a Primo Levi. Pobre Kraus, é um pobre e ingénuo rapaz “*se soubesse que não é verdade, que não sonhei nada com ele, que para mim também ele aqui é nada*” (Levi, 2016, p.143).

Die Drei Leute Vom Labor é o décimo quinto capítulo da obra. É neste que muito muda e depois de ver finda a esperança no exame de química, Primo Levi é selecionado juntamente com mais dois *Haftlinge* para trabalhar no laboratório. Passaram no exame, foram aceites no laboratório e com isto renascia a esperança de sobreviver ao inverno. As temperaturas ali no laboratório eram de 24°C o suficiente para resolver o problema de andar na rua no frio do inverno, além disso havia ali sabão, gasolina e álcool que poderia facilmente ser roubado e vendido em troca de ração, por isso o problema do frio e da fome ficaria resolvido o que significava também grandes probabilidades de não ficar gravemente doente, de escapar às congelações e às seleções. Mas esta mudança pressupõe a dor e a humilhação novamente. Era no conforto do laboratório que a companheira de todas as horas assaltava Primo Levi, “*a dor do recordar, o antigo e feroz sofrimento de me sentir homem (...) então agarro no lápis e*

no caderno e escrevo o que não seria capaz de dizer a ninguém” (Levi, 2016, p. 151). E a humilhação, essa, vinha por parte das raparigas que trabalhavam no laboratório. Em primeiro lugar os *Haftlinge* conheciam bem o seu especto, descrito como ridículo e repugnante, de rosto inchado e amarelado, marcado por nódoas negras, cortes e chagas, a farda sempre suja, para não falar no cheiro ao qual já se habituaram, porque os persegue quase desde o primeiro dia e em relação ao qual as raparigas não perdem oportunidade de comentar. Sentia diante destas raparigas vergonha e embaraço.

O último é o título do décimo sexto capítulo, que nos fala do dia findo, depois do trabalho, das marchas, de voltar às barracas. Primo Levi conversa com Alberto no regresso à barraca depois do longo dia de trabalho. Agora trabalham separados e precisam de contar tudo um ao outro, mas hoje não é um dia como os outros, hoje depois da marcha e da contagem não poderão regressar à barraca. Dirigem-se para a praça da chamada, vão assistir a um enforcamento. Normalmente estes acontecimentos vinham na sequência dos roubos na cozinha, sabotagens ou tentativas de fuga, porém este a que iriam assistir tinha a ver com algo diferente “*o homem que irá morrer hoje diante de nós tomou parte de qualquer nova forma de revolta. (...) mantinha relações com os insurretos de Birkenau (...) estava a organizar um motim simultâneo também entre nós*” (Levi, 2016, p. 159). Mas antes do alçapão se abrir debaixo dos seus pés, este homem gritou para que todos o ouvissem e tomassem consciência das suas palavras “*camaradas, eu sou o último*”, podia agora estar próximo o exército russo que só iria encontrar “*os vergados e os apagados*”. No momento que se seguiu Primo Levi e Alberto regressaram à barraca, nenhum dos dois se atreveu a falar, nenhum dos dois se atreveu a olhar um para os outros “*agora a vergonha oprime-nos*” (Levi, 2016, p. 160).

História de dez dias é o último capítulo, surge de quando a 11 de janeiro Primo Levi dá entrada novamente no *Ka-be*, doente de escarlatina e é internado na barraca dos infectocontagiosos juntamente com doze doentes já internados, que sofriam de escarlatina, tifo e difteria. Ao quinto dia de internamento, o barbeiro chegou com a notícia de que o campo seria evacuado no dia seguinte e que o exército russo estava a caminho. A 18 de janeiro de 1945 foram evacuados numa marcha de 20 quilómetros cerca de 20 mil prisioneiros sãos, todos os que não eram capazes de andar ficaram na enfermaria, mas a maior parte dos que partiu desapareceu durante a marcha. No *Lager* tudo deixou de funcionar, a cozinha ainda trabalhou nessa noite, mas no dia seguinte tudo parou, o *Lager* acabara de ser atingido por um bombardeamento e já não havia comida, água ou aquecimento e era importante começar a procurar uma forma de obter

estes bens - legumes, lenha, carvão e tantas outras coisas necessárias para conseguir sobreviver. Primo Levi, Arthur e Charles saíram no dia 19 de janeiro em busca dos bens acima descritos e depararam-se com um “*Lager acabado de morrer*” que se apresentava em decomposição. Mas o esforço foi bem-sucedido e conseguiram angariar boas doses de comida, e alguns bens materiais que garantiam que não passavam fome ou frio, trouxeram legumes e um aquecedor, mais tarde uma bateria de caminhão e muitos outros bens que garantiram a sua sobrevivência. E eis que é feito o primeiro gesto humano, após esforço dos três companheiros, os doentes decidiram partilhar com Primo Levi e ou outros, uma fatia do seu pão o que “*significa claramente que o Lager estava morto (...) processo pelo qual nós, que não morremos, de Haftlinge voltámos lentamente a ser homens*” (Levi, 2016, p. 170). Desta forma os dias passaram, os alimentos escasseavam, mas fazia-se o esforço de procurar mais, de não deixar o aquecimento do quarto acabar e de garantir a sua sobrevivência. E depois da longa espera, eis que a 27 de janeiro de 1945 o exército russo chegou a Auschwitz.

Os que sucumbem e os que se salvam

Quarenta anos após a publicação de *Se isto é um homem*, Primo Levi publica a sua última obra, *Os que sucumbem e os que se salvam*, onde tenta explorar a resposta a várias questões que nunca deixaram de o obcecar após a sua como prisioneiro em Auschwitz.

Tal como Primo Levi afirma “*a memória humana é um instrumento maravilhoso mas falível*”, e é desta forma que o autor inicia o primeiro capítulo intitulado *A memória da ofensa* onde reflete essencialmente acerca da credibilidade da memória humana, seja ela a memória da vítima ou a do opressor. Desta forma a intenção do autor passa por analisar as recordações daqueles que viveram experiências extremas bem como a recordação de ofensas sofridas ou infligidas abordando os mecanismos mentais utilizados tanto pela vítima como pelo opressor para deformar a realidade e adaptá-la de forma a diminuir o sofrimento.

Quanto ao opressor estes mecanismos são visíveis quando tentam encontrar uma justificação para os crimes cometidos, afastando-se do peso dessas recordações e criando uma realidade mais suportável onde “*o lembrado quis tornar-se deslebrado e conseguiu (...)*” (Levi, 2008, p.26). Quanto à vítima os mecanismos mentais são parte da tentativa de distorcer as memórias traumáticas de forma a que a realidade das ofensas

sofridas se torne mais suportável. Estes mecanismos são utilizados como uma defesa, que substitui uma verdade dolorosa por uma “verdade” consolatória, que rejeita uma verdade insuportável e constrói outra, tal como se pode ler “*para efeitos de defesa, a realidade pode ser distorcida não só na memória, mas também no próprio acto em que se verifica*” (Levi, 2008, p.29).

A *zona cinzenta* é o título atribuído ao segundo capítulo onde Primo Levi começa por questionar se os sobreviventes de uma experiência extrema como a que o mesmo passou, serão capazes de compreender e fazer os outros compreender a experiência por que passaram. Desta forma refere que a compreensão nestes casos coincide com a capacidade de simplificação sem a qual o mundo em volta do ser humano “*seria um emaranhado infinito e indefinido, que desafiaria a nossa capacidade de nos orientarmos e de decidirmos as nossas acções*” (Levi, 2008, p. 33), sendo que é esta mesma simplificação que permite separar o amigo/inimigo, vítima/opressor. Da zona cinzenta com “*contornos mal definidos que ao mesmo tempo separa e associa os dois campos dos senhores e dos servos*” (Levi, 2008, p. 39), “*o espaço que separa (...) as vitimas dos perseguidores*” (Levi, 2008, p. 37), fazem parte os prisioneiros privilegiados que eram uma minoria nos *Lager* mas por outro lado “*uma larga maioria entre os sobreviventes*” (Levi, 2008, p. 38). Este espaço é procurado e ocupado por aqueles que já perderam a dignidade ou por muitos dos oprimidos que depois de contagiados pelos opressores inconscientemente se identificavam com eles.

Destes o autor descreve os prisioneiros que mantinham cargos, fossem eles cargos simples – varredores, lavadores de marmitas, guardas-nocturnos, fazedores de camas, etc. – que trabalhavam tanto como qualquer outro prisioneiro trabalhador, mas por mais meio litro de sopa, ou cargos mais elevados como *Kapos* ou os *Sonderkommandos* dos quais faziam parte as equipas especiais e das quais Primo Levi destaca os gestores dos fornos crematórios – estes nada mais eram do que simples judeus que mantinham a ordem e encaminhavam os recém chegados, a maioria judeus também, às câmaras de gás e a quem se pretendia mostrar que de todas as humilhações recebidas a maior era a de destruírem-se a si mesmos enquanto raça, enquanto homens. Apesar disto Primo Levi (2008, p.56) afirma “*ninguém está autorizado a julga-los*” a nenhum dos demais pelas suas escolhas.

No terceiro capítulo *A vergonha* Primo Levi percorre os sentimentos de vergonha e culpa sentidos por ele e por tantos outros sobreviventes logo após a sua libertação. “*À saída da treva, sofria-se pela reacquirição da consciência de ter sido*

diminuído” (Levi, 2008, p.74). Sofria-se pela consciência de ter sido diminuído, mas também pela consciência de nada ter feito ou de não ter feito o suficiente contra aqueles que os aniquilaram enquanto homens. Sofria-se pela consciência de ter vivido a um nível animalesco onde a ocupação da alvorada pela manhã, da fome pela noite, ou do cansaço, frio e medo, lhes deixava anulado o espaço para sentir e para refletir. Mais, tomava-se a consciência daquilo a que foram sujeitos para sobreviver – muitos roubaram na cozinha, na fábrica, aos outros e até o pão do próprio camarada – esquecendo assim a sua cultura, o seu país, a sua família, mas principalmente os seus valores.

De igual forma, o medo da acusação do outro pela falta de solidariedade humana faz com que a culpa se avive. Toma-se agora consciência de que por falta de tempo ou espaço ou mesmo pela falta de força não se atendiam os pedidos de ajuda, mas para o autor o verdadeiro mau estar vem quando percebe que muito mais frequentemente encolheu os ombros pela dose de impaciência e pela aquisição da primeira regra base que ditava “*cuidar antes de mais nada de si próprio*” (Levi, P., 2008 p. 78). Atenua esta culpa saber que ainda assim, uma vez tentou encorajar um jovem italiano de dezoito anos que se via em desespero.

Devido a esta falta, Primo Levi descreve-nos um episódio em Agosto de 1944 quando fazia muito calor em Auschwitz. Conta-nos que a sua equipa teria sido mandada para limpar uma cave, e devido ao calor todos eram torturados pela sede. No canto da cave Primo Levi encontrara um cano ao longo da parede e como se encontra sozinho tenta abrir este cano de onde saíram umas gotas de água. Neste momento o próprio ponderou o que fazer com a água que havia descoberto e decidiu partilhá-la com o seu camarada e amigo Alberto. No entanto, na marcha de regresso ao campo, Levi ficara ao lado do seu também amigo Daniel que caminhava com os lábios escancarados e de olhos brilhantes pela sede, e neste momento assola-o a culpa, por não ter partilhado. Esta culpa e medo da acusação do outro pela falta de solidariedade que acima é referido, verifica-se mais tarde já na vida fora do campo, quando Daniel confronta Levi, questionando-o porque não o escolhera para beber também um pouco de água.

Por último, a culpa e vergonha de ter sobrevivido, pois o autor conta como se sentia por saber que os que se “salvaram” não eram os melhores, pois “*os melhores morreram todos*” e ao *Lager* sobreviveram apenas “*os piores, isto é, os mais adaptados*” (Levi, 2008, p. 82) aqueles que não se impediram de esquecer os seus valores e tentar de tudo para sobreviver.

Comunicar é o quarto capítulo em que Primo Levi fala de uma incomunicabilidade vivida de forma radical, e nos dá conta da forma como aprender a comunicar era a chave fundamental para conseguir sobreviver. No *Lager*, “*saber alemão era a vida*”, sendo que aqueles que não o sabiam se afogavam num mar tempestuoso do não-compreender e por não perceberem as ordens, recebiam as bofetadas e pontapés sem que percebessem o porquê.

O autor fala do saber ou não o alemão, como uma linha que dividia as relações entre prisioneiros e SS. “*Com quem os compreendia, e respondia de modo articulado, instaurava-se uma aparência de relação humana. Com quem não os entendia, (...) a ordem que fora pronunciada com a voz tranquila (...) era repetida idêntica, mas em voz alta e raivosa (...) se alguém hesitava vinha a pancada (...) uma variante da mesma linguagem*” (Levi, P. 2008 p.90). O uso da palavra que comunica o pensamento entre os homens tinha caído em desuso e aqueles prisioneiros já não se sentiam homens, já não achavam que eram vistos como homens. Desta forma, quem não entendesse nem falasse o alemão era visto como um bárbaro e não tinha direito a exprimir-se noutra língua. Estes que do alemão nada percebiam, só se exprimiam caso encontrassem alguém da mesma língua com quem pudessem falar, pedir conselhos ou desabafar, caso contrário em poucos dias secava-lhes a língua e o pensamento.

Quanto à língua alemã aqui descrita e que traz consigo toda a incomunicabilidade, o autor relembra que não é a típica língua alemã como ele próprio lia nos textos de química, mas sim uma linguagem esquelética, gritada com obscenidades e imprecações, era o alemão do *Lager*, uma variante barbarizada, pois “*onde se faz violência ao homem, também se faz à linguagem*” (Levi, 2008, p.96). O autor descreve ainda que cada prisioneiro aprendeu à sua custa que “*a comunicação gera informação, e que sem informação não se vive*” (Levi, 2008, p.92) sendo que para sobreviver, Levi teve que aprender esta variante do alemão e para tal, fala de como suplicou um “curso privado” e o pagou com pão a um camarada alsaciano, que o ensinou entre a hora de recolher e o momento de cair no sono, os mais variados significados do que ali era gritado, diz-nos o autor que “*nunca houve pão tão bem investido*” (Levi, 2008, p. 96).

Violência inútil, é o capítulo quinto no qual o autor nos descreve a inutilidade da violência que se praticava no *Lager*, “*simples violência pela violência, orientada unicamente para a criação de dor*” (Levi, 2008, p.106). Esta violência mesmo que orientada para um objetivo, era sempre redundante e desproporcional em relação ao

próprio objetivo. As recordações desta violência trazem sempre consigo a memória do comboio, o sitio onde a violência começava pela crueldade de colocarem pessoas amontoadas em carruagens de mercadorias num comboio que partia para o desconhecido.

Vários são os constrangimentos neste capítulo descritos, que provocaram um sofrimento global e uma ofensa ao pudor, quando por exemplo as pessoas amontoadas nos vagões durante a viagem era obrigadas a agir como animais e a fazer algo que era impensável na frente de outros, era este o constrangimento excrementício que mais tarde com a entrada no campo é sobreposto pelo constrangimento da nudez, uma vez que violentamente os prisioneiros se viam privados de roupas mas também do seu cabelo e de todos os seus outros pêlos. O autor fala também da precisa intenção de humilhação a que eram sujeitos quando nos primeiros dias de adaptação ao *Lager* lhes faltava uma colher, pois sem a aquisição de uma através da compra a outros prisioneiros mais velhos, a refeição diária teria de ser consumida senão lambida tal como fazem os animais. Outras violências e humilhações foram praticadas como a tortura de ficar horas de pé, na neve e no frio sem alimento e depois de um dia de trabalho, mas ainda assim a mais traumática, foi a violência gratuita da tatuagem, feita apenas “*para que o inocente sentisse escrita na carne a sua condenação*” (Levi, 2008, p.119).

O sexto capítulo é intitulado *O intelectual em Auschwitz* e fala-nos de Jean Améry de forma a que Levi possa discutir se a aculturação ou formação de cada um é uma vantagem ou desvantagem na adaptação à vida no *Lager*. Ambos definem embora de formas diferentes o termo intelectual. Para Améry (*cit in* Levi, 2008, p. 131) um intelectual “*é um homem que vive dentro de um sistema (...). O campo das suas associações é essencialmente humanístico e filosófico*”. Para Levi (2008) a definição de intelectual deve ser alargada “*à pessoa culta para além do seu ofício diário; aquela cuja cultura é viva, enquanto se esforça por se renovar, crescer e atualizar*” (p.132). O pretendido com estas definições é nada mais do que perceber se ao intelectual, ao homem culto a adaptação ao *Lager* era facilitada. Desta forma Primo Levi fala de como esta posição lhe trouxe vantagens e desvantagens. Diz-nos que, no trabalho e para um trabalho que era predominantemente manual, o homem culto estava numa posição menos privilegiada que o inculto, pois ao homem intelectual faltavam-lhe as forças, faltava-lhe a familiaridade com as ferramentas e com a sua utilidade, aquilo que o atormentava era um enorme sentimento de “humilhação e destituição” era um sentimento de “dignidade perdida”.

Por outro lado, a formação de Levi, permitiu-lhe em alguns momentos restabelecer uma ligação ao seu passado, que o salvou do esquecimento e fortaleceu a sua identidade. Foi com esta formação que muitas vezes se livrou das seleções, foi com ela que passou no exame de química que lhe permitiu a não exposição aos trabalhos pesados, e foi esta formação que o “distraiu”, por vezes, do mundo que o rodeava quando através da análise e observação, papel principalmente adquirido com as noções práticas da sua profissão, observava os seres humanos, a quem chama também de “amostras” exemplares, que o rodeavam, amigos, neutros ou inimigos, o que se tornou um alimento que mantinha viva uma parte de si, embelezava algumas horas e tornava a sua mente sã.

Estereótipos é o título do sétimo capítulo em que o autor divide todos aqueles que sofreram experiência severas, em duas categorias, os que se calam e os que contam. Ambas as categorias obedecem a razões bastante válidas, “*calam-se os que sentem mais profundamente o mal-estar (...) vergonha, os que não se sentem em paz consigo, ou cujas feridas ainda ardem*” (Levi, 2008, p.150). Por outro lado, falam porque a experiência extrema a que foram sujeitos se tornou num acontecimento que marcou toda a sua existência. Falam porque sabem que são testemunhas de um evento extremo de dimensão planetária e secular. Falam também porque é bom contar, é bom lembrar e falam porque são convidados.

São convidados a falar e a responder a questões às quais nem sempre é fácil responder, mas os outros, os ouvintes, os amigos, os leitores, os familiares e mesmo os estranhos intuem-nos a falar e por consequência a responder. São elas questões que surgem pela incompreensão da aparente passividade a que se sujeitaram os agora sobreviventes, são questões como o porquê de não terem fugido, de não se rebelarem, ou de não se terem subtraído à captura. A todas estas questões o autor tenta dar resposta através de relatos onde mostra a impossibilidade destas ações, através mesmo do seu próprio testemunho de algumas situações. O autor termina o capítulo aludindo ao tempo de hoje e ao facto de perante situações que se adivinham igualmente perigosas nada fazemos, questionando então se “*quanto ao futuro somos cegos?*” (Levi, 2008, p.166).

Como título do oitavo e último capítulo temos *Cartas de alemães* onde fala principalmente das dimensões do seu primeiro livro *Se isto é um homem*. O autor conta-nos que viu a sua obra ser traduzida para oito ou nove línguas, sendo o seu maior desafio quando em 1959 um editor alemão se interessou pela sua tradução. Eis que a sua primeira obra não era dirigida a um destinatário específico, “*eram coisas que tinha cá*

dentro, que me invadiam e que eu tinha de deitar cá para fora: dizê-las, ou melhor, gritá-las” (Levi, 2008, p.168). Mas no momento em que este tradutor aparece tudo se tornou mais claro e Levi apercebe-se que os seus verdadeiros destinatários eram aqueles, os alemães, contra quem o livro apontava uma arma, arma essa que agora “*estava carregada*”. Ao tradutor Alemão, Levi conta que nele não confiava, chegando mesmo a escrever-lhe uma carta em que o ameaçava, caso ele se lembrasse de retirar ou mudar alguma palavra do que teria escrito, e onde exigia receber a tradução capítulo a capítulo consoante o evoluir do trabalho. No entanto devido a toda a sua história considerou este tradutor mais Italiano do que Alemão uma vez que lutou contra o fascismo em Itália, identificando-se de imediato chegando mesmo a dizer sentir “*uma emoção violenta e nova, a de ter vencido uma batalha*” (Levi, 2008, p.168) a batalha de poder finalmente “ajustar contas” com os alemães.

A publicação de *Se isto é um homem*, na Alemanha, deu a Primo Levi a oportunidade de ver a “*natureza do eco*”, isto é, a forma como a sua obra ecoou na Alemanha, o que resultou na materialização de mais de quarenta cartas recebidas, as cartas dos alemães para Primo Levi, ainda assim o autor considera “*tenham-me escrito cartas de arrependimento os inocentes e não os culpados*” (Levi, 2008, p.192). Desta forma, fala-nos da vergonha, da culpa e arrependimento de que sofriam os inocentes, mas também da loucura daqueles que recusavam reconhecer o que ali se sucedera, em negar a experiência pela qual os agora sobreviventes passaram e recusavam aceitar a sua participação quer ativa ou passiva com ou sem intenção naquela loucura. Para finalizar o capítulo, Levi fala das cartas trocadas com Hety S., leitora da sua obra e a alemã com quem trocou várias cartas, o que se traduziu numa amizade, e através da qual mantém a fé e a esperança no arrependimento do povo alemão. Era Hety que de todos os leitores alemães, detinha “as cartas em regra”, e ela era não só a única com este ofício mas também aquela a quem a culpa não atormentava, pois aquilo que a atormentava era ao mesmo tempo o que a identificava com Levi, eram os tormentos escritos em temas e discutidos naquela obra.

Capítulo V – Uma busca através da escrita...

A função da escrita em Primo Levi

“Para mim o Lager, e o ter escrito sobre o Lager, foi uma importante aventura, que me modificou profundamente, que me deu maturidade e uma razão de vida.”

(Levi, 2008, p.174)

“Ter sido é a mais segura forma do ser.”

(Frankl, 2016, p.121)

O desenvolver do presente trabalho procura o seu fundamento nas obras *Se isto é um homem* e *Os que sucumbem e os que se salvam*. É com base nestas que procuramos responder às questões que serviram de ponto de partida e tornaram possível a presente reflexão. Qual a função da escrita para Primo Levi? De que forma esta escrita (im)possibilita uma elaboração das experiências traumáticas? O que procura o autor enquanto escreve? O que procura ele no outro para quem escreve? De que forma a busca de uma função continente está inscrita na sua obra numa tentativa de reparação do seu *eu* profundamente ferido? São inúmeras as questões que podem ser colocadas e que poderão ser respondidas, foram estas as questões que permitiram a este trabalho ser pensado e abraçado.

Uma vez situados neste ponto crucial do presente trabalho sinto agora a necessidade de me distanciar da emergência das palavras do autor e debruçar-me num olhar e numa reflexão profunda das suas obras. Para tal, apoiar-me-ei numa perspectiva psicanalítica, que melhor descreverá os processos de criação destas obras e nos servirá de base para responder às nossas questões. Desta forma, podemos finalmente questionar qual a função que a escrita teve para Primo Levi? O que procurava Primo Levi enquanto escrevia? ou O que procurava Primo Levi no outro para quem escrevia?

Quando penso em Primo Levi, quando penso na sua vida, vejo-a como um percurso e sinto-a como se tivesse dividida por um antes e um depois da experiência do Holocausto, ficando sempre um sentimento ao qual não consigo dar nome, no meio entre os dois percursos, quase como se pudéssemos dizer que o autor nasceu, morreu e tentou renascer. Podemos então pensar em Primo Levi como alguém que quando surgiu no mundo como ser humano, foi acolhido por um colo materno, foi contido nas suas angústias, foi pensado, foi amado, foi alguém que foi educado, que adquiriu valores, que se desenvolveu num meio individual e social, que construiu uma imagem de si próprio, uma conceção de ser humano que tem direitos e deveres, que tem valor. Construiu também uma imagem do outro, como ser humano igual e diferente de si, um outro que tal como ele próprio respeita e é digno de respeito que tem direitos e deveres, um outro que tem valor.

Penso que com os acontecimentos do século XX, dos quais fizeram parte eventos violentos e experiências extremas como o Holocausto, as consequências foram devastadoras para quem as viveu e as sentiu. Creio que a maior das consequências foram a destruição e as perdas sofridas pelas vítimas. Desta forma podemos supor que as violências extremas a que Primo Levi foi exposto, provocaram no seu interior, no seu *eu* intrapsíquico um sentimento de perda profundo, onde as bases contentoras que anteriormente o protegiam e davam sentido ao seu mundo interno, se apresentam agora ausentes, desmoronadas e destruídas, colocando-o num vazio. Nas palavras de Martins (2014) quando Primo Levi questiona no título do seu livro *Se isto é um homem*, o autor refere-se a si próprio “*enquanto ser humano profundamente atingido e ferido pelo que viveu*”, mas dirige-se igualmente à imagem que ele guardava de um outro e “*que ficou profundamente (e, talvez definitivamente) alterada e destruída*”.

Após esta reflexão proponho então duas hipóteses, a primeira é que Primo Levi através das suas experiências traumáticas escreve o seu testemunho na procura de uma reparação. Reparação esta de si próprio, do seu *eu* profundamente desamparado e ferido pela violência, bem como uma reparação do objeto interno. Em segundo lugar proponho que a sua escrita lhe oferece uma função continente-conteúdo capaz de o acolher, e que aparece portanto como mediadora da sua relação com o outro – aquele que vai escutar a sua história e que por sua vez lhe vai proporcionar um “colo acolhedor”.

Desta forma torna-se de todo pertinente a definição do conceito de reparação. Este conceito foi apresentado em 1929 por Melanie Klein no artigo *Infantile anxiety situations reflected in a work of art and in the creative impulse*. Discorrendo este

conceito de forma bastante breve podemos dizer que para Klein a reparação acontece quando o bebé experimenta o sentimento de perda do bom objeto interno (a mãe) e a sua culpa e desespero despertam nele o desejo de restaurá-la e recriá-la com a finalidade de a recuperar externa e internamente. A autora defende que os mesmos desejos reparadores surgem em relação a outros objetos amados, internos e externos. No mesmo artigo a autora refere que o desejo e a capacidade de restauração e reparação dos objetos (...) serve de base para atividades criativas (Klein, 1929; Segal, 1975). Podemos assim perceber que embora de forma subentendida, a autora atribui ao ato criativo uma função de reparação (Delgado, 2012).

Chasseguet-Smirgel (1984, *cit in* Delgado, 2012, p. 101) afirma esta ideia referindo que *“existem dois tipos de criação em relação à reparação: uma que enriquece e satisfaz o ego, e outra que, de facto, repara o objeto”*.

Grotstein (1983 *cit in* Delgado, 2012, p.99) refere que *“a reparação deve ser situada (...) como uma estratégia de administração dos impulsos, e não de defesa contra eles”* – é então um *“mecanismo de aceitação”* – onde a *“experiência de reparação é uma experiência de tolerância da perda (...) ao mesmo tempo que se sente que nem tudo está perdido. A possibilidade de consertar, arranjar, restaurar, mantém a esperança”*.

Podemos ainda verificar que Chasseguet-Smirgel (1984, *cit in* Delgado, 2012, p.101-102) atribui ao *“acto criador uma tentativa de atingir a integridade, isto é, ultrapassar a castração a todos os níveis (...) trata-se da reconstituição de um corpo inteiro e fálico (...) a criação é uma auto-criação e o ato criador tira a sua impulsão profunda do desejo de aliviar pelos seus próprios meios as lacunas deixadas ou provocadas pelos outros”*. Assim, apoiar-nos-emos nesta ideia, de que o ato criativo tem a capacidade de reparação do sujeito e do objeto, para sustentar a primeira hipótese colocada.

Penso que podemos agora pensar a experiência de Primo Levi como fonte de dor e sofrimento que implantou nele uma angústia e uma ferida profunda e que procura através da escrita uma reparação, uma tentativa de reparação de si próprio, do seu *eu* profundamente ferido mas também do seu objeto interno referindo-nos à imagem “ferida” do outro. No entanto é necessário perceber de que forma é que esta reparação se pode tornar possível através da escrita e para tal devemos ter presente que este processo é algo que ocorre apenas entre o autor e a sua obra neste caso entre Levi e a narrativa da sua experiência.

Sabemos que, após a sua libertação, Primo Levi sentiu uma enorme vontade de escrever, de contar, de passar para o papel aquilo que viveu, e podemos pensar esta necessidade como uma tentativa de transformação do indizível, do irrepresentável, em elementos mais suportáveis e elaboráveis para o sujeito, podemos pensar a sua escrita como uma forma de afirmação de si próprio de poder dizer “eu existo”. Podemos mesmo utilizar as palavras de Carreiras (2005) e dizer que Primo Levi encontrou na escrita uma forma de se agarrar desesperadamente à vida como forma de se salvar e de dar sentido a si próprio, à sua experiência e ao mundo, que lhe permitiu a construção de envelopes psíquicos capazes de transformar o nominável, o não representável e igualmente capazes de suturar as suas feridas. No fundo e dando-me a esta liberdade de pensar Primo Levi e a sua escrita, creio que estamos perante aquilo que Delgado (2012) descreveu como uma tentativa de transformar os dados brutos dos sentidos (*elementos beta*) em “*elementos alfa*”, ou seja, uma tentativa de transformar a sua experiência em algo digerível e possível de ser integrado pelo psiquismo.

Nesta mesma linha de pensamento podemos integrar no nosso trabalho o conceito de *função alfa* na relação *continente-conteúdo* descrito por Bion e já evocado por nós no presente trabalho. Desta forma, Ehrenzweig (1967/1974, *cit in* Delgado, 2012) ajuda-nos a pensar que numa primeira fase da escrita os dados brutos, as vivências da experiência extrema (*elementos beta*) são ainda sentidos como estranhos e persecutórios. Numa segunda fase o ato de escrever “*desempenha o papel de um ‘útero’ acolhedor, que contém e integra os fragmentos num todo coerente*”. E por último, numa terceira fase o escritor está disponível para re-introjetar estes elementos da sua obra já transformados em *elementos alfa*, capazes de se situarem num nível mais próximo ao da consciência. Esta transformação descrita por Ehrenzweig ajuda-nos a olhar mais uma vez para a narrativa de Primo Levi como um espaço de transformação das suas experiências e um lugar de afirmação e re-atualização da sua *função alfa* – função psíquica da personalidade capaz de transformar “*a coisa em si*” os dados brutos dos sentidos em “*elementos alfa*”, para que possam desta forma ser digeridos e integrados de uma forma mais aceitável pelo psiquismo (Delgado, 2012).

Em entrevista a Camon (1989 *cit in* Martins, 2014, p.58) que questionou Primo Levi acerca da razão pela qual escreveu de *Se isto é um homem*, o autor responde “*Eu escrevi porque senti a necessidade de escrever. Se me pedir para ir mais longe e descobrir o que produziu esta necessidade, eu não posso responder. Tive a sensação de que, para mim, o acto de escrever era equivalente a estar deitado no divã de Freud.*

Senti uma necessidade tão avassaladora para falar sobre isso que falei em voz alta. (...) A intenção de "deixar um testemunho" veio mais tarde, a necessidade primária era escrever para fins de libertação.

É desta forma que podemos prosseguir e perceber nas suas palavras a forma como esta libertação através escrita lhe proporcionou o equivalente da cena terapêutica, do divã de Freud, que nada mais é do que o equivalente da relação paciente-terapeuta, mãe-bebé, da relação entre o eu e o outro, um outro que agora escuta, acolhe e permite ao autor a tolerância e compreensão das suas experiências.

Podemos então pensar que para Primo Levi, o ato de escrever – de transpor para o papel o indizível da sua experiência, de contar ao outro esta mesma experiência insuportável – se apresenta como a capacidade de *rêverie* de uma mãe, que pode acolher e conter as emoções por ele evacuadas, dando lugar a uma experiência emocional mais aceitável. “*A relação do artista com a sua obra corresponde em grande parte à relação continente-conteúdo da díade mãe bebé*” é esta a afirmação utilizada por Delgado (2012) que melhor reflecte, inspira e sustenta o nosso pensamento.

Se pensarmos ainda na forma como a percepção de uma *função continente-conteúdo*, permite uma tomada de consciência do *eu*, podemos perceber que o trabalho da escrita, ao proporcionar a criação de novos continentes de pensamento, desenvolve a comunicação com esse mesmo *eu*, estruturando e enriquecendo o sentimento de identidade e pertença de si próprio (Delgado, 2012).

Neste sentido Anzieu (1985, *cit in* Delgado, 2012) refere que “*a atividade da escrita pode permitir, do mesmo modo que a capacidade de rêverie materna, que o sujeito desenvolva um sentimento de constância, um bem-estar de base*”, por outras palavras, e uma vez que ao ler Primo Levi não encontro nas suas palavras um sentimento de bem-estar de base, creio mesmo que afirmá-lo poderia tornar-se ofensivo dado que para as vítimas de tamanhas ofensas este sentimento pode nunca voltar a ser possível, direi então que escrever e transmitir as suas experiências, pode permitir a reconstrução de imagens, emoções, afetos toleráveis e restaurar objetos internos ou externos destruídos. Para apoiar esta nossa tese podemos basear-nos nas palavras de Segal que nos transmite de forma clara que “*qualquer criação é, de facto, a re-criação de um objecto – anteriormente amado e total, mas agora perdido e danificado – de um mundo interno e de um self danificados*” (Segal, 1952/1982, *cit in* Delgado, 2012).

Assim, é nesta relação “materna” entre Primo Levi e a sua escrita, que nos moldes evidenciados de projecção, transformação e re-introjecção, o autor vai

reconstruir no seu psiquismo a sua *função alfa*, e conseqüentemente, o seu aparelho de pensar os pensamentos, de forma que seja possível transformar a sua experiência carregada de energia e até então incapaz de residir no seu psiquismo e integrá-la como algo apto para ser pensado.

A partir desta mesma reflexão estamos perante o ponto de partida que nos permite sustentar a nossa segunda hipótese, de que a sua obra tem a capacidade de se apresentar como um continente, e que para o autor o ato de escrever apresentou-se com essa mesma função, uma função continente-conteúdo mediadora da sua relação com o outro. No entanto é necessário refletir como é que esta escrita permite a Primo Levi o sentimento de continência, de um abraço, no fundo de ser acolhido por aquele que escuta a sua obra.

Ainda antes de partirmos para esta próxima reflexão quero deixar presentes as palavras de Delgado (2012) quando nos diz que “*o trabalho de reparação do artista nunca é concluído*”, estas palavras servem para nos lembrar que a ferida psíquica profunda e a destruição interna e externa deixada pela experiência do Holocausto aos sobreviventes pode nunca deixar que os mesmos concluam o seu trabalho de reparação.

Não menos importante será recordarmos o facto de a escrita nem sempre ter representado ou proporcionado este continente, uma vez que, para a obra mediar a relação entre o autor e o leitor, que levará este último a acolher o primeiro, é ainda necessário que a sua obra seja aceite pelo outro que a lê. Já Bion nos dizia que para todo conteúdo projetado deve haver um continente recetor (Zimmerman, 2007).

Torna-se então pertinente a distinção dos dois momentos de aceitação da sua obra, de aceitação das suas experiências, que num primeiro momento devem ser acolhidas pelo outro íntimo, no seio de familiares ou amigos, e só depois levada até ao público.

Se pensarmos em Primo Levi, podemos dizer que escrever para os mais próximos, para familiares ou amigos, lhe permitiu de certa forma validar o sonho tantas vezes ocorrido no *Lager* – o sonho de estar em casa, já entre familiares e amigos e contar, mas contar e ninguém ficar para ouvir. Ouçamos Primo Levi sobre o seu sonho: “*Surgem a minha irmã, alguns amigos meus não identificados e muito mais gente. Todos estão a ouvir-me, enquanto conto precisamente isto: o silvo em três notas, a cama dura (...). Falo pormenorizadamente também da nossa fome, (...) do Kapo que me bateu no nariz e a seguir ordenou que fosse lavar-me porque sangrava. É um prazer imenso, físico, inefável, estar em minha casa, entre pessoas amigas, e ter tantas coisas*

para contar; mas não posso deixar de perceber que os meus ouvintes não prestam atenção. Pelo contrário são completamente indiferentes (...). A minha irmã olha para mim, levanta-se e vai-se embora sem dizer nada” (Levi, 2016).

Acerca deste sonho o autor afirma ainda que *“enquanto escrevia Se isto é um homem eu não tinha a certeza que a obra seria publicada. Eu queria fazer quatro ou cinco cópias, e dá-las à minha noiva e aos meus amigos. A minha escrita foi, antes do mais, uma maneira de lhes contar sobre a minha experiência”* (Camon, 1989, cit in Martins, 2014). De acordo com Anzieu, o facto de escrever a sua experiência e vê-la ser aceite por um amigo ou confidente transmite àquele que escreve a ilusão de que o mundo vai de encontro aos seus desejos (de ver aceites e acolhidas as suas experiências) (Delgado, 2012). Podemos agora supor que Primo Levi viu acolhidas as suas palavras, as suas experiências, por aqueles que lhe eram próximos, ao contrário do que tantas vezes temia no seu sonho. Primo Levi encontrou nestes um *“colo acolhedor”* capaz de compreensão e aceitação do seu vivido, bem como a ilusão acima descrita por Anzieu. Isto leva a que o autor se queira separar da sua obra e levá-la então a público.

Para agora podermos prosseguir viagem pela nossa próxima reflexão, e uma vez que esta vai basear-se na dimensão da obra tornada pública bem como na forma que adquire uma função continente-conteúdo mediadora da relação com o outro que lê, que recebe e que acolhe, creio que será de todo importante refletir e integrar no conteúdo que se segue aquela que foi a minha experiência enquanto leitora, enquanto pessoa que fornece durante a leitura o tal *“colo acolhedor”*.

Enquanto lia Primo Levi senti-me mais do que uma simples pessoa que lê e testemunha o testemunho do infausto que foi o *Holocausto*, devo dizer que me dei a liberdade de olhar a obra com o olhar de um terapeuta que escuta o seu paciente. Desta forma senti que com a sua obra o autor pretendia mais do que contar ou testemunhar os horrores por que passou. Primo Levi pretendia evocar em nós leitores as mesmas angústias que o motivaram a escrever e através delas senti que ele desejava despertar em mim e por isso mesmo vontade de despertar em todos os *“outros”* que leem as suas obras, a capacidade de o acolher, de acolher as suas palavras. No discorrer da leitura posso dizer que me senti transportada quase como por uma máquina do tempo e passo a viver a sua obra com o olhar de quem assiste a cada pormenor e nada pode fazer, dou-me conta que a obra começa a despertar em mim sentimentos de pena, de empatia, de compaixão, uma vez ou outra encontrámo-nos mesmo nos sonhos, como se ele

procurasse um outro capaz de se colocar no seu lugar, uma compreensão para a sua dor e um outro capaz de sarar as suas feridas.

Neste sentido, pode ler-se nas palavras de Segal (1952/1982, *cit in* Delgado, 2012) que “*o artista visa evocar no recetor da sua arte a mesma constelação de sentimentos inconscientes que o motivou*”. Podemos agora refletir sobre a forma como Primo Levi queria ver reconhecida e acolhida pelo público a sua experiência, mas mais do que isso, o autor pretendia ver reconhecido o seu sofrimento, pretendia empatia, aceitação e um colo capaz de conter todo o insuportável da sua experiência. Podemos então pensar que da mesma maneira que eu fui capaz de acolher a sua escrita, os outros leitores também o foram e é nesta minha capacidade e na capacidade do público corresponder às expectativas de Primo Levi, abraçando a sua obra, transformando-a e devolvendo-a em elementos mais suportáveis para o psiquismo, que valida a função continente-conteúdo da escrita capaz de colocar o autor a comunicar com o seu público. Quando esta comunicação é possível, “*gera-se uma comunicação profunda, de inconsciente a inconsciente*”, tornando a obra num “*local de regeneração narcísica do autor e do público. Desta forma, o criador, através da relação com o público, mediada pela sua obra, integra e comunica as suas vivências internas e contribui para o reconhecimento, a integração e a comunicação de vivências semelhantes noutros seres humanos. Criador e público abraçam-se num abraço íntimo, simultaneamente integrativo e restaurador*” (Carreiras, 2005, pp. 321-322).

Devemos ainda ter presente que a “iminência da descoberta pelo público” o fato de a sociedade não estar preparada para ouvir os testemunhos dos sobreviventes. Acerca disto, Levi (2008, p.167) diz que “*o ofício de reconstruir o passado (...) está tão descreditado como o de prever o futuro*”. Se recordarmos o facto de após a libertação dos campos as pessoas se encontrarem fechadas para ouvir os sobreviventes, não quererem acreditar e muitas vezes ignorarem as suas palavras, leva Primo Levi e tantos outros testemunhos do Holocausto a sentirem uma experiência de desamparo e “abandono” por parte da sociedade. Estes sentimentos provocam no próprio sobrevivente a repetição da experiência traumática, que por sua vez transporta-os de novo para o *Lager* – aquele sítio, onde ninguém ouvia as suas histórias.

Apesar desta rejeição inicial, “*falsa partida*” como Primo Levi lhe chamou, o livro avançou e foi aceite pela sociedade, agora disponível para integrar estas experiências. Assim Silvestre (*cit in* Waintrater, 2011) refere que a poder contar e ver “*a sua história repetida vezes sem conta é um equivalente psíquico do embalar do berço, assegurando ao adulto traumatizado o continente que lhe faltava no momento do trauma*”¹⁹ proporcionando por sua vez “*o prazer de ser reconhecido pelos outros*” (Delgado, 2012, p.212).

¹⁹ Tradução proposta pela autora a partir do original “le récit répété à société est un équivalent psychique du bercement, assurant à l’adulte traumatisé le contenant qui lui a fait défaut au moment du traumatisme” (Waintrater, 2011, p.102).

Conclusão

“Somente aqueles que experimentaram Auschwitz sabem o que isso é. Os outros nunca irão saber”

(Wiesel, 2006, *cit in* Araújo 2016).

Os eventos do século XX ficarão para sempre na história da humanidade. O holocausto, esse evento de violência extrema originou traumas profundos em milhares de sobreviventes. Com o final da Segunda Grande Guerra muitos foram aqueles que se silenciaram e preferiram guardar a sua dor, mas muitos foram também aqueles que sentiram a necessidade de falar, de contar ao mundo – muitos falaram para poder garantir que o mundo não esquecia, muitos falaram para partilhar a sua experiência – na esperança de sentir no outro a compreensão da sua dor. No entanto esta necessidade de contar acarreta por si só um paradoxo uma vez que embora os sobreviventes trouxessem consigo uma enorme emergência de falar, carregavam também o sentimento de insuficiência das suas palavras para descrever as suas experiências. Estes testemunhos vieram assim inscrever-se na literatura de testemunho, onde Primo Levi se destaca, entre outros que também testemunharam, pela sua capacidade de escrita clara e objetiva, com uma clara denúncia do ocorrido através dos detalhes contados acerca do quotidiano dos campos de concentração.

Após a sua libertação Primo Levi relata sentir uma “*necessidade de contar aos «outros», de tornar os «outros» conscientes*” (Levi, 2016, p.9). Pensamos que esta necessidade buscava que os factos ocorridos não mais se repetissem, mais que isso, que pudessem ser transmitidos ao longo de gerações para garantir que a humanidade não esquece. Mas as suas obras visam também o poder dar voz àqueles que se calaram, aqueles que dos *Lager* não mais saíram, aqueles que o autor designa por ‘*Muçulmanos*’. Desta forma Primo Levi refere que a sua vontade de falar nasce ainda dentro do campo, que se tornou como um objetivo da sua sobrevivência, ou seja, manter-se vivo para poder contar os horrores que o atormentavam e assim apropriar-se de um sentido para a sua sobrevivência.

No entanto parece-nos que esta tentativa de falar/contar aos outros nem sempre foi conseguida, uma vez que no final da Guerra a indiferença por parte da sociedade relativamente às situações experienciadas pelos sobreviventes, apareceu como choque inicial, o mundo não estava preparado para ouvir o que levou a que o apoio social fosse

sentido como insuficiente. Esta indiferença acarretou sentimentos de abandono por parte da sociedade, e mesmo os sobreviventes salientam um sentimento de solidão que se vem juntar ao sofrimento físico e que torna a sobrevivência num fardo totalmente insuportável.

Assim o presente trabalho partiu de questões surgidas ao longo de várias leituras, de onde surge também a hipótese de que Primo Levi através das suas experiências traumáticas escreve o seu testemunho na procura de uma reparação. Reparação esta de si próprio, do seu *eu* profundamente desamparado e ferido pela violência, bem como uma reparação do objeto interno, podemos acrescentar, da conceção de mundo dentro de si.

“Destruído” e desamparado pela experiência extrema, encontra através do ato da escrita uma forma de transformação das angustias em elementos mais suportáveis pelo psiquismo. Desta forma pensámos a sua escrita como uma função continente-conteúdo, capaz de proporcionar novos continentes de comunicação com o próprio eu, capaz de enriquecer o sentimento de identidade e pertença de si próprio. Tal como acima referimos, penso que nunca é demais citar Anzieu, uma vez que o autor refere que “*a atividade da escrita pode permitir, do mesmo modo que a capacidade de rêverie materna, que o sujeito desenvolva um sentimento de constância, um bem-estar de base*”, permitindo assim a transformação de imagens e afectos toleráveis capazes de restaurar objetos internos ou externos destruídos (1985, p. 9, *cit in* Delgado, 2012).

Como segunda hipótese de reflexão neste trabalho proponho que a sua escrita lhe oferece uma função continente-conteúdo capaz de o acolher, e que aparece portanto como mediadora da sua relação com o outro. Assim, percebemos que Primo Levi encontra na escrita um ‘*útero*’ acolhedor, que podemos ver como o equivalente psíquico do embalar (embalar materno) que assegura ao adulto traumatizado a experiência de um colo contentor que outrora lhe falhou, possibilitando que o mesmo domine as angustias que o dominam. Se pensarmos em Primo Levi, podemos supor que a dada altura o leitor que aceitou e validou as suas obras lhe proporcionou o tal “colo acolhedor” capaz de reparar, conter, e transformar as suas angústias e o seu sofrimento proporcionando-lhe o “*prazer de ser reconhecido pelos outros*” (Delgado, 2012).

No entanto sabemos que as obras de Primo Levi proporcionaram-lhe embora nem sempre, o sentimento de ter sido acolhido pelo outro aquando da publicação de *Se isto é um homem* e do reconhecimento do valor da sua obra. Mas quarenta anos depois da sua primeira obra, o autor vem novamente escrever ao outro, ao seu leitor, com a intenção

de “*examinar as recordações de experiências extremas, de ofensas sofridas ou infligidas*” (Levi, 2008). Mas mais que isto o autor pretendia novamente assegurar que a humanidade não esquece e assegurar que as novas gerações não repitam os mesmos atos de violência extrema que as anteriores. Ouçamos as palavras de Barni (2006): “*Para Levi, no entanto, não esquecer é um dever, pois só recordando poderá testemunhar do horror, e só testemunhando e atestando a verdade do horror poderá evitar que se repita*”.

Quando escreve a sua derradeira obra percebe que para aqueles que agora leem, o Holocausto e as suas experiências antes narradas, não passam, para esta nova geração, de uma memória longínqua e que a dificuldade reside em conseguir evocar nos outros aqueles sentimentos que antes o tinham levado a narrar a sua experiência. Podemos propor assim que este afastamento sentido em relação às suas obras provocou um sentimento de descontinuidade e não permanência do continente que antes o acolhia, podemos pensar que Primo Levi se vê novamente confrontado com o pesadelo que o assaltava naquelas noites no *Lager*, é como se para lá voltasse, àquele momento que tudo contava mas ninguém o ouvia.

Devemos concluir que para Primo Levi a vida terminou por vontade do próprio e que até hoje os motivos porque o decidiu fazer continuam incertos, no dia em que o fez muita tinta correu os jornais e alguns autores escreveram mesmo sobre si afirmando, como é o caso de Elie Wiesel (também este um sobrevivente do Holocausto), que “*Primo Levi não morreu hoje. Morreu há quarenta anos, em Auschwitz*”.

E este foi o homem.

Referências

- Agamben, G. (2008). *O que resta de Auschwitz*. Homo sacer III. São Paulo: Boitempo.
- Araújo, F. (2016). *Entre o lembrar e o esquecer: a construção da memória e a validade do testemunho*. Revista Literatura e Autoritarismo, n16 Recuperado de <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/21504/13027>
- Auretta, C. D. (2002). Poesia e memória na obra de Primo Levi. *Química - Boletim da Sociedade Portuguesa de Química*, 84, 23-32.
- Barbosa, M., & Kupermann, D. (2016). Quem testemunha pelas testemunhas? Traumatismo e sublimação em Primo Levi. *Psicologia USP*, 27, (1), pp. 31-40
- Barengi, M. (2005). A memória da ofensa: Recordar, narrar, compreender. *Novos Estudos*, 73, pp. 175-191.
- Barni, R. (2006). Primo Levi ou da narrativa como ethos. *Revista de Italianística XIV*.
- Bettelheim, B. (1989). *Sobrevivência*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bettelheim, B. (1944, August). Behavior in extreme situations. *Politics*. Recuperado de: <http://www.brown.uk.com/brownlibrary/BET.htm>
- Bohleber, W. (2007). Recordação, trauma e memória colectiva: luta pela recordação em psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41(1), 154-175.
- Cardoso, I. (1998). Os silêncios da narrativa. *Revista de Sociologia*, 10(1), 9-17.
- Carreiras, M. A. (2005). *Da criação e da morte - peregrinação pela obra de Paul Celan* (Dissertação de doutoramento). Faculdade de Psicologia e de ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Chasseguet-Smirgel, J. (1984). Thoughts on the concept of reparation and the hierarchy

of creative acts. *International Review of Psycho-Analysis*, 339-406.

Delgado, L. (2012). *Psicanálise e criatividade - estudo psicodinâmico dos processos criativos artísticos*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Farias, F. R. (2012). Memória, trauma social e elaboração. *Diálogos*, 16(3), 925-950.

Favero, A. (2009). *A noção de trauma em psicanálise* (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro. Recuperado de https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13362/13362_1.PDF.

Frankl, V. E. (2016). *O homem em busca de um sentido*. Lisboa. Lua de papel.

Freud, S. (1990). Além do princípio do prazer. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. (Vol. 18, pp.23). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Trabalho original publicado em 1920-1922)

Friedl, F. O., & Farias, F. R. (2012). Uma articulação entre o conceito de trauma e o de memória social: a elaboração da experiência traumática. *Psicanálise & Barroco*, 10(2), 18-41.

Gilbert, M. (2014). *The second world war*. Brasil: Casa da Palavra Editorial.

Ginzburg, J. (s.d.). Linguagem e trauma na escrita no testemunho. Recuperado de <http://www.artistasgauchos.com/conexao/3/cap6.pdf>

Gramary, A. (2006). Primo Levi: a queda de um sobrevivente. *Leituras*, 8(6), 49-56.

Klein, M. (1929). Infantile Anxiety-Situations Reflected in a Work of Art and in the Creative Impulse. *International Journal of Psycho-Analysis*, 10, 436-443. Recuperado de: <https://nonoedipal.files.wordpress.com/2009/11/infantile-anxiety-situations-reflected-in-a-work-of-art-and-in-the-creative-impulse.pdf>

Koltai, C. (2016). Entre psicanálise e história: o testemunho. Pontifícia Universidade

- Católica de São Paulo. Faculdade de Ciências Sociais. São Paulo, Brasil.
- Lacerda, M. (2016). *Escrita de Primo Levi: à procura da reparação*. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Recuperado de <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/5385/1/20982.pdf>
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1967/1970). *Vocabulário de Psicanálise*. Lisboa: Morais.
- Laub, D. & Auerhahn, N. (1989). Failed empathy- A central theme in the survivor's Holocaust experience. *Psychoanalytic Psychology*, 6, (4), pp. 377-400.
- Laub, D. & Auerhahn, N. (1993). Knowing and not knowing massive psychic trauma: Forms of traumatic memory. *International Journal of Psycho-Analysis*, 74, (2), pp. 287-302.
- Laub, D. & Lee, S. (2003). Thanatos and massive psychic trauma: The impact of the death instinct on knowing, remembering, and forgetting. *Japa*, 51, (2), pp. 433-464.
- Levi, P. (2008). *Os que sucumbem e os que se salvam*. Lisboa: Editorial Teorema.
- Levi, P. (2016). *Se isto é um homem*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Lurie-Beck, J. (2007). *The differential impact of Holocaust trauma across three generations* (Doctoral dissertation, School of Psychology and Counselling, Faculty of Health, Queensland University of Technology, Queensland). Retrieved from. http://eprints.qut.edu.au/37242/1/Janine_Lurie-Beck_Thesis.pdf.
- Maldonado, G., & Cardoso, M. R. (2009). O trauma psíquico e o paradoxo das narrativas impossíveis, mas necessárias. *Psicologia Clínica*, 21(1), 45-57.
- Martins, A. G. (2014). *A procura da reparação através da narrativa em Primo Levi*. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Recuperado de <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/3075/1/19108.pdf>

- Mauro, C. F. (2010). “Senhora Auschwitz”: O holocausto entre a dor da experiência e o dever da memória. II Seminário Nacional em Estudo da Linguagem. ISSN 2178-8200
- Moreno, M. & Junior, N. (2012). Trauma: O avesso da memória. *Ágora*, 15, (1), pp. 47-61.
- Oliveira, M. C. (2008). Catástrofe e sublimação na poesia de Paul Celan: apontamentos sobre uma dor que dorme com as palavras. *Psychê*, 12(23), Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=30720926005>
- Porto Editora (2012). Dicionários Académicos. Dicionário da Língua Portuguesa. Porto, SP: Autor.
- Ringel, S. S. (2012). Overview. In S. S. Ringel, & J. R. Brandel (Eds.), *Trauma: contemporary directions in theory, practice and research* (pp. 1-12). EUA: SAGE Publications.
- Rodrigues, G. M. (2013). *Trauma, literatura de testemunho e suicídio: traduções possíveis* (Tese de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá, Maringá).
- Rosenblum, R. (2002). Se puede morir de decir? Sarah Kofman, Primo Levi. *Psicoanálisis APdeBA*, 24, 147-176.
- Segal, H. (1975). *Introdução à obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Seligmann-Silva, M. (2008a). Narrar o trauma - a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, 20(1), 65-82.
- Seligmann-Silva, M. (2008b). Testemunho da Shoah e literatura. *Revista Electrónica Rumo à Tolerância*.
- Waintrater, R. (2000). Le pacte testimonial, une idéologie qui fait lien?. *Revue*

Française de Psychanalyse, 64, 201-210.

Waintrater, R. (2011). *Sortir du génocide, témoignage et survivance*. Paris: Éditions Payot & Rivages.

Zimerman, D. (2007). Uma ampliação da aplicação, na prática psicanalítica, da noção de continente, em Bion. *Interações, 13, 72-82.*